



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Casa Lobo:
Proposta de intervenção num edifício com história

Simão António Trindade Pereira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Mestrado Integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Miguel Moreira Pinto

Covilhã, Setembro de 2019

Agradecimentos

Na realização da presente dissertação foi indispensável a colaboração e o apoio dado por um conjunto de pessoas e entidades, sem as quais tal não seria possível. Desta forma quero agradecer:

Em primeiro lugar ao meu Orientador, Professor Doutor Miguel Moreira Pinto, por toda a disponibilidade, confiança, apoio e firmeza, sempre demonstrados em todos os passos que dei ao longo da dissertação.

Aos meus pais, irmã, cunhado, avós e tio por todo o carinho, apoio, ajuda e suporte ao longo de todo este percurso.

Ao senhor Tino Lobo e sua esposa pelas horas de conversa e toda a disponibilidade.

Ao senhor Caló e à senhora Margarida Lobo pela grande ajuda para que as coisas se tornassem possíveis nas horas mais decisivas.

Ao Paulo Oliveira pela extraordinária colaboração e pelo tempo que dispensou para que eu pudesse ter um trabalho de maior qualidade.

À Câmara Municipal de Mortágua e ao Vereador Paulo Oliveira por me terem oferecido a proposta que deu origem à presente dissertação, e por assumirem o papel de cliente para que tudo fosse mais fácil e adaptado à realidade.

E por fim, mas não menos importante, a todos os meus amigos que sempre me apoiaram, aconselharam e ajudaram em todos os momentos.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo propor uma intervenção naquela que é uma das casas com mais história na vila de Mortágua, distrito de Viseu, conhecida pelos habitantes como “Casa Lobo”, edifício de estrutura tradicional, estado de conservação médio, do ano de 1860. No início do povoamento da vila, esta era a casa com maior importância para os seus habitantes, pois desempenhava as diversas funções necessárias à comunidade no seu dia a dia (espaço comercial). Ao longo do tempo, outros edifícios, destinados a essas mesmas funções, foram-se erguendo no núcleo da vila, junto à Casa Lobo, sendo esta agora apenas um ponto de referência e memória para a população.

O facto deste edifício ter sido um marco no desenvolvimento e prosperidade da vila levou a que a autarquia se afirme perante o mesmo, procurando assim uma proposta de intervenção para que este volte a desempenhar funções úteis à população e a possíveis visitantes, tentando travar a desertificação do centro da vila.

Sendo que este edifício, em toda a sua história, prestou os serviços necessários à população, é de interesse social e autárquico que este edifício se converta num espaço dedicado a uma grande e importante parte dos habitantes da vila, que se relacionam com o ramo das artes (são eles escultores, pintores e artistas de rua), de forma a que estes tenham um espaço onde possam desempenhar, partilhar e ensinar o seu trabalho às pessoas, ou seja, um Centro Cultural e Interpretativo.

Palavras-chave

Requalificação; Memória; Espaço Comercial; Centro Cultural e Interpretativo.

Abstract

This dissertation aims to propose an intervention in one of the most historic houses in the village of Mortágua, district of Viseu, known by the inhabitants as “Casa Lobo”, building of traditional structure, medium state of conservation, from the year 1860. At the beginning of the settlement of the village, this was the most important house for its inhabitants, as it performed the various functions necessary for the community in its daily life (commercial space). Over time, other buildings, intended for these same functions, were built in the core of the village, next to Casa Lobo, which is now only a point of reference and memory for the population.

The fact that this building was a milestone in the development and prosperity of the village led the municipality to get ahead, thus seeking a proposal for intervention to return it to perform functions useful to the population and potential visitors, trying to curb desertification from the center of the village.

Since this building, in all its history, has provided the necessary services to the population, it is of social and autarchic interest that this building become a space dedicated to a large and important part of the inhabitants of the village, who relate to the branch of the arts (they are sculptors, painters and street artists), so that they have a space where they can perform, share and teach their work to people, it means, a Cultural and Interpretive Center.

Keywords

Requalification; Memory; Commercial space; Cultural and Interpretive Center.

Índice

Capítulo I Introdução.....	1
1.1 Objetivos e Metodologia.....	2
Capítulo II Enquadramento Geral.....	5
2.1 Localização.....	5
2.2 Contexto Histórico.....	5
2.2.1 Mortágua - O Topónimo.....	5
2.2.2 Contexto Nacional - Ocupação Romana.....	6
2.2.3 Contexto Local - Ocupação Romana.....	6
2.2.4 O Concelho e as Invasões Francesas.....	7
Capítulo III Arte e Cultura.....	9
3.1 Teatro-Club.....	9
3.2 Artesanato.....	10
Capítulo IV Casa Lobo.....	13
4.1 História e Conceito.....	13
4.1.1 Família Lobo.....	13
4.1.2 Da Fundação aos Dias de Hoje.....	15
Capítulo V Conceitos Chave.....	17
5.1 Definições.....	17
5.2 Interpretação dos Conceitos.....	18
Capítulo VI Casos de Estudo.....	19
6.1 Centro Interpretativo do Vale do Tua.....	19
6.2 Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro.....	22
6.3 Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha.....	25
6.4 Sistematização.....	27
Capítulo VII Proposta.....	29
7.1 Da Construção aos Dias de Hoje.....	29
7.2 Memória Descritiva e Justificativa.....	34
7.2.1 Ideia/Conceito.....	37
7.2.2 Soluções Construtivas.....	39
7.2.3 Acessos/Percursos.....	43
Capítulo VIII Conclusões.....	45

Bibliografia.....	47
Anexo I.....	53
Anexo II.....	55

Lista de Figuras

Figura 1 - Teatro Club Mortágua	9
Fonte 1	
Figura 2 - Olaria em barro vermelho.....	11
Fonte 2	
Figura 3 - Anúncio ao Teatro Club	13
Fonte 3	
Figura 4 - Árvore genealógica da família Lobo.....	14
Fonte 4	
Figura 5 - Anúncio da casa Lobo no jornal.....	15
Fonte 5	
Figura 6 - Linha do Tua, 1993	20
Fonte 6	
Figura 7 - Centro Interpretativo Vale do Tua, 2018.....	20
Fonte 7	
Figura 8 - Interior do Edifício de madeira do CIVT	21
Fonte 8	
Figura 9 - Vista para a entrada do Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro.....	23
Fonte 9	
Figura 10 - Sala de exposição com diversos elementos antigos expostos.....	24
Fonte 10	
Figura 11 - Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha e sua envolvente.....	25
Fonte 11	
Figura 12 - Área de exposições em vidro	26
Fonte 12	
Figura 13 - Alçado Frontal (sem escala)	29
Fonte 13	
Figura 14 - Varanda do edifício; detalhes das floreiras, 2019.....	30
Fonte 14	

Figura 15 - Nível de detalhe nas portas, janelas e varandas, 2019	30
Fonte 15	
Figura 16 - Alçado Posterior (sem escala)	31
Fonte 16	
Figura 17 - Escritório criado à posteriori, 2015.....	31
Fonte 17	
Figura 18 - Móveis de grande porte que compartimentavam o espaço, 2015	32
Fonte 18	
Figura 19 - Móveis de grande porte, 2015	32
Fonte 19	
Figura 20 - Casa Lobo, 2014	33
Fonte 20	
Figura 21 - Localização da Casa Lobo	34
Fonte 21	
Figura 22 - Proposta da disposição das áreas, Piso 0	35
Fonte 22	
Figura 23 - Proposta de disposição de áreas, Piso 1	36
Fonte 23	
Figura 24 - Modelo 3D do Alçado Frontal	38
Fonte 24	
Figura 25 - Proposta em 3D, Piso 0.....	39
Fonte 25	
Figura 26 - Diferentes paredes exteriores (sem escala)	40
Fonte 26	
Figura 27 - Esquema das paredes interiores de <i>PLADUR</i>	41
Fonte 27	
Figura 28 - Esquema de lajes (sem escala).....	41
Fonte 28	
Figura 29 - Perspetiva da Construção da cobertura.....	42

Fonte 29

Figura 30 - Organograma, Piso 0 43

Fonte 30

Figura 31 - Organograma, Piso 1 44

Fonte 31

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Resumo dos espaços por piso	37
Tabela 2 - Áreas totais de diferentes zonas	37

Lista de Acrónimos

PYP	Prime Yield Portugal
CMM	Câmara Municipal de Mortágua
CIVT	Centro Interpretativo Vale do Tua
ADRVT	Agência para o Desenvolvimento Regional do Vale do Tua
PDM	Plano Diretor Municipal
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Capítulo I Introdução

Nos últimos tempos o termo “reabilitação” tem andado nas bocas do mundo, ganhando cada vez maior importância no âmbito da construção e arquitetura. É reconhecida como um motor de desenvolvimento de certas zonas e espaços, melhorando a qualidade dos mesmos e promovendo-os, para atrair cada vez mais pessoas para os centros históricos das cidades e vilas, que cada vez mais se encontram desertificados e devolutos.

Ao longo dos últimos vinte anos foram várias as mudanças que se verificaram no setor da construção em Portugal, consequência das crises que se viveram ao longo do tempo e que afetaram fortemente este setor fundamental para a arquitetura. Segundo Pedroso (2018):

“A reabilitação de edifícios antigos é uma tendência que se espera que tenha vindo para ficar, com todas as consequências que daí advêm, sendo que devemos olhar para este movimento como algo positivo e que há muito era necessário no país” (para.1).

A década de 90 constituiu-se como uma fase em que se construía de raiz, sendo a construção nova algo abundante no país. Exemplo disso foi a construção da Expo 98, o ponto mais marcante desta década no setor da construção e arquitetura. Por esta altura pouco se ligava à construção existente, ao antigo. O facto da intervenção nestes edifícios pressupor uma maior preocupação e trabalho para a sua execução afastava qualquer pessoa de tais preocupações, optando-se pela alternativa de fazer de novo. Porém, na década seguinte, por volta do ano de 2008, o país atravessou uma grande crise económica, com grande impacto no setor imobiliário. A construção estancou e todas as pessoas e entidades envolvidas neste ramo, sejam arquitetos ou as próprias empresas de construção, tiveram a necessidade de procurar um método alternativo para a sobrevivência do setor face a esta “crise que perduraria e obrigaria a drásticas mudanças de paradigma na forma como olhamos o património edificado” tal como afirma Pedroso (2018). Quando nos deparámos com esta problemática, já eram imensos os centros históricos que se encontravam em condições deploráveis face à despreocupação com a preservação dos mesmos ao longo do tempo, conclusões estas segundo Pedroso (2018).

A saída encontrada para a crise passou então pela reabilitação urbana destes sítios desertos e devolutos, em alguns dos casos. A construção continuou, com índices baixos porém. Já a taxa de reabilitação disparou a partir de 2011, e continua em crescimento até aos dias de hoje, tal como refere Pedroso (2018). As cidades do Porto e Lisboa são grandes reflexos de todo este crescimento. São das zonas que mais careciam de uma rápida intervenção nos centros históricos, que se encontravam praticamente todos devolutos, com edifícios antigos, sem manutenção, e alguns deles com risco acrescido para a própria cidade.

Com base num estudo efetuado pela PYP no ano de 2017, ambas as cidades são reflexo dessa mesma aposta e desenvolvimento na reabilitação urbana, sendo que “nos últimos cinco anos, o investimento privado em reabilitação em Lisboa ascendeu aos 600 milhões de euros. Já no Porto (...) “registou um volume de investimento privado em reabilitação superior a 1100 milhões de euros”, afirma Silva (2017).

No ano de 2018 passámos novamente por uma fase positiva na construção, mas contrariamente ao ano de 1998, focada essencialmente no património, na reabilitação e conservação do existente, reconhecendo agora o valor dos edifícios históricos e antigos localizados em locais únicos de excelência, dados fornecidos por Pedroso (2018). São feitos grandes investimentos nos edifícios mais antigos e em pior estado de conservação no coração das cidades. Transformam-se em grandes espaços luxuosos e renovados, tornando-se extremamente apelativos, não só para os habitantes locais mas mais até para os turistas, sendo o turismo um dos ramos com grande influência no desenvolvimento do setor da construção.

Desta forma podemos comprovar que a intervenção nos edifícios antigos, estrategicamente situados nos corações das cidades, vilas ou aldeias, é um dos principais motores de desenvolvimento das mesmas, cativando cada vez mais pessoas para o interior destes núcleos, de forma a travar a sua desertificação. O fator estético é também importante, tornando-se estas zonas espaços limpos e novos, dando a imagem pretendida aos locais em questão. Em suma, para Pedroso (2018):

“O processo de reabilitação urbana está bem encaminhado, era urgente a requalificação dos nossos centros históricos e o próximo passo será com certeza o compromisso entre a manutenção das principais características dos edifícios e a sua modernização de modo a que se consiga um balanço entre modernidade e património” (para.9).

1.1 Objetivos e Metodologia

Pretende-se com esta proposta a reconversão de um imóvel originalmente habitacional e comercial num edifício totalmente público, que designamos de Centro Cultural e Interpretativo Lobo.

Desta forma, o principal objetivo é tirar partido de todas as qualidades e vantagens que o objeto arquitetónico tem para oferecer a este novo programa, e propor assim um espaço com qualidade, que possa servir o povo mortaguense, tal como tem vindo a fazer ao longo do tempo. A localização da Casa Lobo é de extrema importância já que se encontra nas costas da CMM, no coração da vila, onde todas as atividades acontecem. O facto de este ser um dos

poucos edifícios que se encontra fechado ao público na zona em questão é também uma motivação para a presente proposta, oferecendo assim um espaço dinâmico como todos os outros anteriormente intervencionados na mesma rua. Com uma área bruta de terreno e de construção satisfatórias, o local e o objeto reúnem todas as condições para que a proposta se possa desenvolver de forma satisfatória, e para que a mesma possa responder às necessidades do povo.

O objetivo principal do cliente seria a criação de um espaço destinado às artes, que respondesse à necessidade de um espaço de trabalho onde artistas e artesãos da vila pudessem desenvolver a sua arte, expô-la e transmitir o seu conhecimento aos interessados. Seria também importante para o cliente que este edifício tivesse uma componente de venda que contribuísse para a autossustentabilidade do próprio imóvel, criando também uma certa dinâmica do material nele produzido, para que este não ficasse estancado e armazenado ao invés de gerar lucro. A preocupação com o investimento a realizar foi também um dos aspetos prioritários para a CMM, sendo que era de interesse maior a preservação de tudo o que fosse possível manter, poupando algum investimento no exterior que compensasse a maior preocupação com o interior.

Desta forma a dissertação divide-se em três importantes etapas. Numa primeira fase, com base em documentos essencialmente escritos, fomos à procura da história e relação do povo de Mortágua com as Artes, e clarificámos assim a importância deste novo programa para servir o povo através da reformulação deste edifício. Visto que estamos a falar de uma vila relativamente pequena, parte desse estudo e recolha de informação teve de se fazer com base em dados recolhidos através da conversa com alguns dos seus habitantes e pessoas conhecedoras do assunto. Nesta fase foi também crucial o diálogo com os proprietários da Casa Lobo para conhecer de forma aprofundada toda a história do imóvel e sua importância, quer para o povo quer para a família Lobo.

Seguidamente procedemos a um trabalho de investigação sobre projetos que facilmente se identificam com este, de forma a absorver toda a informação útil para realizar as melhores escolhas na conceção de toda a ideia. Alguns conceitos foram também clarificados de forma a perceber qual e como seria o trabalho a realizar no âmbito da reconversão e reabilitação deste edifício.

Numa terceira fase, após todo o material teórico recolhido, procedemos então ao levantamento integral do edifício, momento de extrema importância em que diversas implicações foram surgindo por motivos pessoais dos seus proprietários. Recolhidos todos os dados para a conceção do desenho técnico do edifício, procedemos então à formulação de toda a ideia e conceito, sempre baseada nas pretensões do cliente, nas limitações e qualidades do objeto edificado, nas leis relativas à conceção projetual estabelecidas pela entidade municipal de Mortágua, mas também e não menos importante, pela definição e

coesão de toda a proposta pensada e devidamente justificada, sempre com o foco na resposta à questão fulcral de toda a dissertação.

Capítulo II Enquadramento Geral

2.1 Localização

Localizada na província da Beira Alta, região do Centro e subdivisão do Baixo Mondego, Mortágua é uma vila com cerca de 1150 habitantes, rodeada a norte por Águeda, a nordeste por Tondela, a leste por Santa Comba Dão, a sul por Penacova e a oeste pela Mealhada e Anadia. O município, pertencente ao distrito de Viseu, encontra-se dividido em 7 freguesias: Cercosa, Espinho, Marmeleira, Pala, Sobral, Trezói e a União de Freguesias de Mortágua, Vale de Remígio, Cortegaça e Almaça.

A proposta de intervenção desenvolve-se no coração da vila de Mortágua, na sua parte histórica, nas costas do edifício da Câmara Municipal.

2.2 Contexto Histórico

Apesar de continuar a ser uma grande incógnita a questão da instalação das primeiras comunidades humanas no concelho de Mortágua, é através dos limites fronteiriços e pressupostos concelhos vizinhos que podemos obter alguma informação acerca da ocupação do território, não só a nível nacional, mas numa escala mais pequena e próxima do concelho. A identificação de uma estação do Paleolítico Superior num local chamado Monte de Frades, na freguesia da Moita, no Concelho da Anadia (que faz fronteira a ocidente com Mortágua), remete assim para a época românica. É também de nosso conhecimento outra estação do Paleolítico localizada no Carreço, concelho da Mealhada, que também faz fronteira com Mortágua pela zona oeste. Desta forma não podemos excluir a hipótese de serem ainda encontradas marcas da ocupação humana desse tempo também no concelho em questão.

Por outro lado, como datam Abreu e Gonçalves (2001), existem locais no concelho com testemunhos de ocupações humanas de há milhares de anos atrás, como por exemplo, as pinturas rupestres localizadas numa das poucas aldeias inteiramente de xisto, Mortazel.

2.2.1 Mortágua - O Topónimo

O nome desta vila é pronunciado de várias formas, sendo que a forma correta é Mortágua com a acentuação no “Mor”, ao contrário da correta regra que devia acentuar a sílaba “tá”. Supõe-se que todos os apelidos “Mortágua” espalhados pelo mundo tenham origem nesta vila, já que até ao momento não há mais local algum conhecido com o mesmo nome, segundo Duarte de Sá (2001).

No concelho de Penacova é conhecido um grupo de propriedades rústicas cujo nome é “Vessada de Mortalgas”. Pressupõe-se então que aí viveram mulheres descendentes da família

de Mortalga. Através da análise de todas as diferentes designações, de povos para povos, para a atual vila de Mortágua e suas redondezas, a ideia fundamental é apenas uma: terra das lagoas; águas dormentes; lameiros. “Todas essas denominações antigas evocam a humidade estagnante das planuras (...)” (Duarte de Sá, 2001, p.32). A relação entre as diversas denominações da altura e a atual indica-nos que a palavra se foi adaptando com o tempo, de língua para língua, aliada à própria evolução da mesma ao longo das gerações. Desta forma a toponímia da palavra está diretamente relacionada com as características geológicas e topográficas do local durante toda a sua existência, conservando sempre a ideia das águas paradas, das grandes lagoas existentes, quer no passado longínquo quer aquando de pontuais inundações na vila.

2.2.2 Contexto Nacional - Ocupação Romana

Foi por volta de 218 a.C. que os invasores romanos alcançaram a Península Ibérica, começando por vencer em Cartago. O ocidente da península nunca foi de conquista fácil e os motivos de revolta entre povos estavam sempre relacionados com os “pesados tributos impostos” e, desta forma, os confrontos entre lusitanos e romanos eram constantes anos após anos. Anos mais tarde surge então Viriato, herói lendário que representa no quadro da história nacional o símbolo de resistência da Lusitânia face às invasões romanas. Porém, nem mesmo este nome tão importante conseguiu alcançar a pacificação total pretendida, não tendo a revolta entre povos terminado mesmo após a sua traiçoeira morte, que se estima ter ocorrido depois de 138 a.C., segundo descrevem Abreu e Gonçalves (2001). Desta forma, só foi possível terminar todas as revoltas entre lusitanos e romanos em 61 a.C., através do domínio efetivo da região a norte do Tejo por parte de Júlio César.

2.2.3 Contexto Local - Ocupação Romana

São várias as lendas e histórias transmitidas de geração em geração, na vila de Mortágua, que comprovam e traçam o percurso e ocupação dos romanos nesta zona.

Exemplo disso é a *Lenda do Lago*. Esta lenda fala sobre uma grande transformação topográfica do concelho, baseada na drenagem de um lago com cerca de 5 km² de extensão, situado no centro do concelho. Pressupõe-se assim que, segundo o descrito por Abreu e Gonçalves (2001), no tempo dos mouros a zona correspondente à localização atual da vila de Mortágua e povoados em seu redor estaria imersa, desde os primórdios até essa mesma época. Existem vestígios, encontrados num dos locais imersos naquela altura, que comprovam a ocupação romana após as consequências da drenagem do lago de dimensões consideráveis.

A *Terra das Lagoas* é também uma das histórias características da vila que nos remete para o período dos romanos. Embora os terrenos da vila aparentem ser totalmente planos, quando se

verificam grandes inundações é possível observar desigualdades de declives. Podemos então concluir que a água proveniente de grandes chuvadas não flui de forma calibrada nas diferentes zonas da vila, comprovando “que as bacias inundáveis visíveis correspondem aos antigos vales de orografia pirenaica” (Abreu e Gonçalves, 2001, p.22). O próprio ambiente geográfico e clima da vila são relacionados com lendas dos romanos, que justificam e comprovam transformações visíveis no terreno feitas nessa época, através da aplicação prática de alguns dos seus conhecimentos, nomeadamente agrários. Ao contrário de provas de ocupação Romana em diversos espaços a nível nacional, em Mortágua os romanos, ao invés de erguerem grandes monumentos, contruírem grandes pontes ou calcetarem vias, optaram por deixar a sua marca através da criação de campos de lavoura e aldeias de agricultores, visto que o local carecia disso e podia tirar maior partido deste tipo de intervenções. É, portanto, mérito dos Romanos todo o desenvolvimento a nível agrícola dos terrenos de Mortágua, ocorrido naquela altura.

O *Crasto* relaciona-se também com um dos fatores que nos remetem para a época Romana. Segundo elucidam Abreu e Gonçalves (2001):

“A um quilómetro para sudoeste da vila de Mortágua distingue-se, da cintura montanhosa que enquadra as várzeas, um cabeço de cerca de 100m de altura. Arredondado, (...) assemelha-se de longe, a uma proeminência hemisférica voltada para norte, contemplando o espaço aberto da extensa várzea” (p.25-26).

Apesar de no local não ter sido possível encontrar até agora vestígios materiais que nos remetam para épocas mais recuadas, o nome *Crasto* é o único “vestígio” que se mantém como tradição e identidade histórica do local, sendo assim um nome milenário que perdura até aos dias de hoje, de geração em geração, conseguindo até atravessar a tradição cristã. Ao contrário de diferentes “castros” encontrados a norte de Portugal, no caso de Mortágua não foi possível conservar ruínas de edifícios e edificações da altura. A própria composição da palavra *Crasto* remete-nos para acontecimentos e estratégias de edificação utilizadas nos tempos dos Romanos, tornando-se a própria palavra uma explicação e comprovador histórico da ocupação do território na época Romana. “A palavra *Crasto* compõe-se de dois elementos: Cr+asto. Asto é o equivalente do grego antigo astu que significa morada, habitação lugar habitado” (Abreu e Gonçalves, 2001, p.26).

2.2.4 O Concelho e as Invasões Francesas

Portugal, no âmbito da guerra Peninsular, sofreu três invasões por parte da França, sendo que foi na terceira que a passagem dos franceses pela zona de estudo ficou marcada. É a 27 de setembro que se comemora o dia em que foi possível travar a batalha da Serra do Bussaco entre as tropas francesas e anglo-lusas. A vila de Mortágua, sob o conhecimento de pouca gente, desempenhou um papel extremamente importante e preponderante nesta batalha,

pois devido à sua posição estratégica a vila era um nó de comunicação para Coimbra e para o Porto. Como datado por Abreu e Gonçalves (2001): “Até há pouco tempo a principal via de comunicação da Beira Alta para o litoral era a estrada que ligava Coimbra a Viseu que passava no centro da vila de Mortágua” (p.72).

Dado que esta estrada era a única naquele tempo que fazia comunicação com duas importantes cidades, Mortágua era um ponto essencial no que tocava ao planeamento de importantes movimentos estratégicos idealizados pelas tropas francesas durante a invasão, neste concelho. A sua construção está datada por volta de 1854 e, naquele tempo, todo o trânsito, quer de mercadorias quer de passageiros, dividia-se à chegada da vila. Dada a importância desta estrada e da própria vila, por ser o local onde praticamente todas as tropas francesas estavam instaladas, não podemos deixar de historiar a Guerra Peninsular sem referir a vila de Mortágua e povoações próximas.

Capítulo III Arte e Cultura

3.1 Teatro-Club

“O Teatro-Club viu passar na sua sala de espetáculos grupos profissionais de teatro de Lisboa, ou grupos amadores, por exemplo de Tondela e Santa Comba Dão.” (Duarte de Sá, 2001, p.94)

Foi em 1896 que Albano Lobo, ícone importante em todo o desenvolvimento deste trabalho, fundou o Teatro-Club no centro da vila de Mortágua. Albano sempre esteve ligado ao mundo do teatro, sempre demonstrou interesse pelo ambiente cultural e, por isso, com a fundação deste edifício tornou-se possível a realização de eventos que pudessem, por um lado angariar fundos para a Vila, e por outro promover o desenvolvimento cultural da mesma. São conhecidos diversos grupos da altura, dos quais faziam parte nomes que se tornaram importantes ao longo do tempo, como por exemplo, na década de 10. Por esta altura era conhecido um jovem grupo de teatro amador do qual fazia parte, entre outros, Basílio Lopes Pereira¹.



Figura 1 - Teatro Club Mortágua

¹ Advogado, Político, Republicado. Cargo importante numa organização antifascista (AAA) da década de 30, contra a ditadura.

Além dos espetáculos realizados neste espaço dedicado a este ramo das artes, era também nas imediações da vila, em locais mais triviais (garagens ou anexos de edifícios de habitação), que eram feitas grandes interpretações de cenas conceituadas à data, sempre com o objetivo de angariar dinheiro para realizar intervenções necessárias em edifícios do povo, fossem eles religiosos, administrativos ou públicos, segundo relata Duarte de Sá (2001). Com o aparecimento deste novo espaço tornou-se possível realizar eventos de maior dimensão e escala, captando a atenção quer a nível local quer a nível nacional, resultando num enorme desenvolvimento cultural de Mortágua e concelhos vizinhos.

O sucesso dos espetáculos realizados era cada vez maior, e cada vez mais eram as pessoas de grande influência, a nível local ou nacional, a frequentar estes espaços e tertúlias. Os grupos amadores começaram então a despertar o interesse de profissionais do teatro. Com o passar do tempo conceberam-se assim novos grupos de teatro, liderados por profissionais do ramo, e com a presença de nomes importantes a nível nacional. Com tal desenvolvimento os diferentes grupos começaram também a realizar espetáculos fora do concelho, os quais dignificavam cada vez mais o nome de Mortágua e, por sua vez, do Teatro-Club e seus fundadores. Grande parte dos espetáculos realizados tinham como intuito angariar fundos para a manutenção e desenvolvimento do Teatro de Mortágua, mas também para a realização de outro tipo de atividades na vila, olhando sempre para o desenvolvimento cultural da mesma.

Tal como menciona Duarte de Sá (2001), além desta componente ligada ao teatro, é de apontar também o facto de que este espaço foi o primeiro, não só no concelho de Mortágua mas em todos os concelhos vizinhos, a reproduzir filmes (mudo, a preto e branco). Funcionou como cinema durante anos e, neste momento, é ainda utilizada e mantida a sua sala principal tal como foi idealizada por Albano Lobo na data da sua fundação. É desta forma também um edifício emblemático ligado à família Lobo, que será sempre lembrado por todo o povo de Mortágua.

3.2 Artesanato

É também em torno do artesanato que a vila de Mortágua se desenvolveu ao longo da sua história. O conhecimento e saber adquirido propagado pelas diferentes gerações ao longo do tempo, no concelho, é algo que não podemos ignorar ou deixar cair no esquecimento. “São autênticas preciosidades acumuladas graças ao saber transmitido pelos homens que ninguém quer esquecer ou ignorar” (“Artesanato,” 2004, para.1).

A olaria é a principal atividade que os artesãos do povo (sector relevante da comunidade) teimam em manter viva, mais conhecida como a tradição do barro vermelho. É de geração em geração que esta arte é exposta e transmitida aos mais novos, aos que demonstrem interesse no que toca à conceção de diferentes tipos de obras de arte feitas neste material. Há algum

tempo atrás era significativa a percentagem da população que se dedicava a esta arte tão conceituada no concelho, informações estas que podem ser confirmados por grande parte dos habitantes. Ao longo do tempo tem vindo a rarear, sendo cada vez menos os jovens que ambicionam aprender a arte e dar continuidade à atividade, com a ajuda dos poucos que ainda a praticam. Porém, apesar deste decréscimo de artistas ligados ao barro no concelho, ainda são de número considerável aqueles que se dedicam a este trabalho. Urge a necessidade de criação de espaços onde estas obras possam ser expostas e os seus artistas reconhecidos, tendo à sua disposição locais de trabalho com condições satisfatórias, nos quais possam desempenhar as suas funções e, por sua vez, possam passar a palavra aos mais novos.



Figura 2 - Olaria em barro vermelho

A olaria da Gândara é um exemplo notório de como conservar e dar continuidade à arte da olaria e têm-se “desenvolvido através dos tempos graças à vontade de pequenos núcleos familiares” (“Artesanato”, “2004, para.2). O seu ponto forte e alvo de maior procura ao nível do trabalho com barro nesta zona é a loiça. Em tempos, devido às dificuldades e preocupações dos oleiros face à subsistência neste ramo, a produção desta loiça quase se extinguiu. Apesar desse contratempo os artistas fizeram de tudo para manter a arte ativa e, nos dias de hoje, o negócio melhorou e é fácil para os interessados adquirir as loiças e objetos que tanto procuravam e continuam a procurar. É um bom exemplo que retrata o desenvolvimento local da vila, tornando-se um ícone da mesma.

Capítulo IV Casa Lobo

4.1 História e Conceito

4.1.1 Família Lobo

Há muitas gerações atrás, no ano de 1860, Manuel Ferreira Lobo deu início à história do comércio nesta família, tão reconhecida pelo povo de Mortágua e povoações vizinhas. Nessa altura o senhor Manuel Lobo entrou no ramo, realizando inicialmente trocas comerciais em locais destinados a tal atividade na zona de Mortágua. Foi nesse mesmo ano que o senhor Manuel criou a primeira loja da família, conhecida como Casa Comercial Lobo. Após a sua morte sucede-lhe o seu único filho, Albano Moraes Lobo, que pode ser visto como figura de proa de toda a história da Casa Lobo, sendo ele o grande impulsionador de todo o desenvolvimento e prosperidade da Casa. Nasceu a 18 de abril de 1872, em Mortágua, e faleceu inesperada e precocemente a 25 de janeiro de 1913.

Além da relevância que o mesmo possui quando falamos na Casa Lobo, Albano era, e é ainda, um ícone para o povo de Mortágua, pois foi ele que deu também nome a outros espaços e acontecimentos marcantes desta vila. Em 1896 e 1897 participou na fundação do “Teatro Club”, que consistia num grupo de jovens talentos ligados ao teatro e às artes, não só de Mortágua mas de todo o país, que criavam eventos na vila e seus concelhos vizinhos, tentando dinamizar e desenvolver os mesmos. Tinham um espaço físico no centro da vila, o teatro atual de Mortágua, no qual faziam grande parte dos seus espetáculos. Este local foi também dos primeiros teatros da altura em toda a zona que circundava a vila (Tondela, Penacova, entre outros).

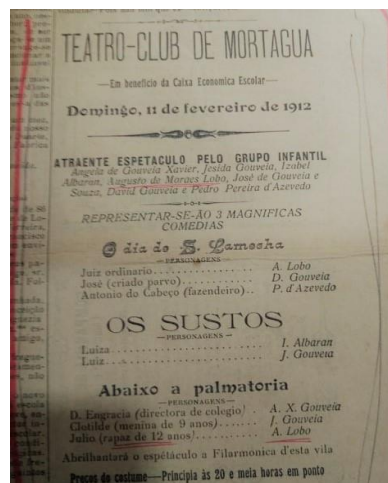


Figura 3 - Anúncio ao Teatro Club

Foi também anos antes do 25 de abril que Albano Lobo fundou a Escola Livre de Mortágua, espaço de extrema importância para a vila, visto que permitia que todos os jovens estudassem, independentemente da classe social, dos mais humildes aos mais nobres. A própria Casa Lobo desempenhou um papel importante na Escola Livre, pois o senhor Lobo, como gerente do estabelecimento comercial, fornecia todo o material necessário para que os jovens pudessem frequentar a escola, oferecendo créditos às famílias mais carenciadas, com prazos de pagamento de pouca restrição no que tocava ao reembolso dos mesmos.

Vítima de doença cardíaca súbita, acabou por falecer de forma inesperada. Para tal contribuíram as condicionantes dos serviços de socorro naquela altura, devido à falta de veículos e à dificuldade de comunicação entre as pessoas.

Albano Lobo deixou a sucessão da loja ao filho mais velho, Augusto de Morais Lobo. Sendo este de tenra idade não podia legalmente ser o único responsável da totalidade dos cargos do estabelecimento. Desta forma, o seu avô ficou como seu tutor, ainda que na prática fosse Augusto quem governava a loja. Dado o desenrolar de acontecimentos ao longo do tempo, todos os seus filhos se viram obrigados a ajudar nos trabalhos realizados neste estabelecimento, tão importante para a vila. Assim, todos eles por volta dos 10-12 anos começaram a desempenhar as funções mais básicas da loja, e à medida que fossem crescendo passavam então a desempenhar cargos mais importantes e trabalhosos. Dos quatro irmãos em questão, dois deles trabalharam toda a sua vida na Casa Lobo, tendo sido eles os últimos proprietários e importantes nomes do estabelecimento até aos dias de hoje. De entre eles, Abraltino Barbosa Morais Lobo, único irmão vivo, é quem tem prestado toda a ajuda para a realização do presente trabalho de investigação.

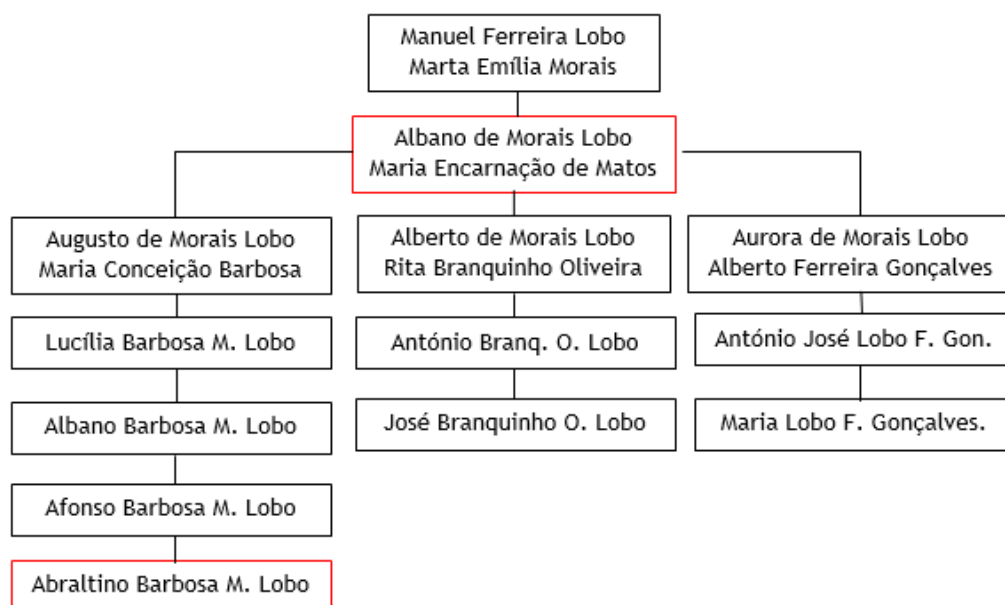


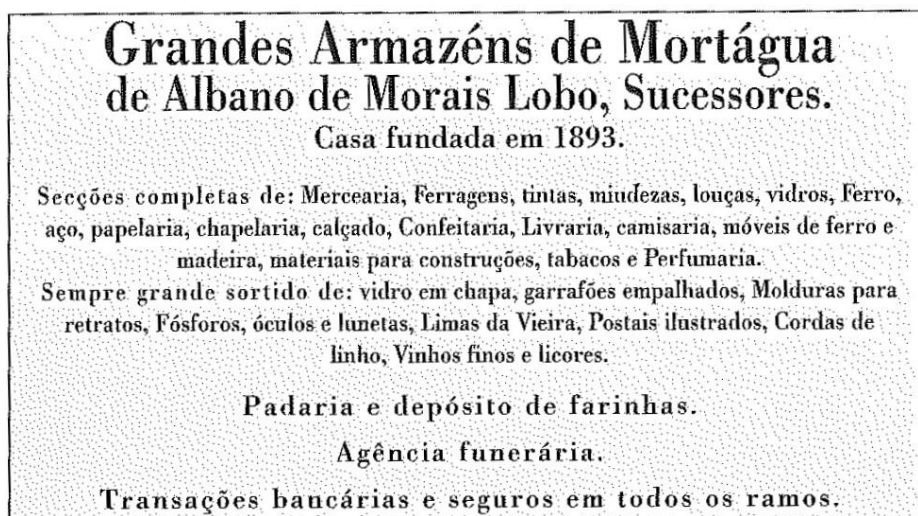
Figura 4 - Árvore genealógica da família Lobo

Desta forma a família Lobo sempre foi vista com muita admiração e carinho por todo o povo de Mortágua, pois sendo uma família abastada à época, zelou sempre pelo bem comum de toda a população, tentando não fazer distinção entre as diferentes classes socioeconómicas, adaptando-se às circunstâncias da altura e trabalhando em prol do desenvolvimento e prosperidade da sua tão amada vila.

4.1.2 Da Fundação aos Dias de Hoje

O primeiro estabelecimento comercial vinculado à família Lobo foi criado em 1860, como referido anteriormente. O seu responsável à data era o senhor Manuel Lobo. O senhor Tino, alcunha pela qual é conhecido Abraltino Lobo junto das gentes da vila de Mortágua que tanto o estimam, seu bisneto, relata em longas conversas acerca do edifício em estudo, que o bisavô não tinha particular aptidão para o negócio, motivo pelo qual o estabelecimento comercial não funcionava da melhor forma nessa altura. Dedicava-se essencialmente à venda de têxteis: tecidos e panos, recursos fundamentais naquele tempo para a produção de roupa pelos alfaiates. Porém, a gestão do estabelecimento não era a melhor, sendo que eram atribuídos créditos em excesso aos seus clientes. Créditos que muitas vezes não mais seriam reembolsados.

Em 1893 foi então fundado e inaugurado o tão afamado estabelecimento “Casa Comercial Lobo”, como é ainda lembrado nos dias de hoje por todo o povo de Mortágua. Com a nova gerência, a sua atividade, apesar de ser a mesma, evoluiu em conhecimento e ambição, passando a ser vista como uma “casa de necessidade” em que era possível adquirir tudo o que fosse preciso. Estamos a falar de um espaço amplo, com um balcão com cerca de 18 metros em todo o seu comprimento, com uma enorme estante atrás, onde eram expostos todos os produtos. É uma tarefa difícil enumerar que artigos podiam os clientes adquirir neste estabelecimento, porque tudo o que fosse preciso na altura estava ali ao alcance de qualquer um.



**Grandes Armazéns de Mortágua
de Albano de Morais Lobo, Sucessores.**
Casa fundada em 1893.

Secções completas de: Merceria, Ferragens, tintas, miudezas, louças, vidros, Ferro, aço, papelaria, chapelaria, calçado, Confeitaria, Livraria, camisaria, móveis de ferro e madeira, materiais para construções, tabacos e Perfumaria.

Sempre grande sortido de: vidro em chapa, garrafões empalhados, Molduras para retratos, Fósforos, óculos e lunetas, Limas da Vieira, Postais ilustrados, Cordas de linho, Vinhos finos e licores.

Padaria e depósito de farinhas.
Agência funerária.
Transações bancárias e seguros em todos os ramos.

Figura 5 - Anúncio da casa Lobo no jornal

Como podemos observar na Figura 5, existem artigos publicitários de jornais daquela época e até folhas de rascunho do próprio estabelecimento (em anexo), todos documentos originais, que comprovam a pluralidade de artigos que era possível adquirir nesta loja.

Além da multiplicidade de produtos que se podiam adquirir neste espaço, é de notar também que foi na Casa Lobo que se instalou a primeira padaria do concelho, sendo esta capaz de distribuir pão por todo o concelho, a todas as famílias que assim o requisitassem. Foi também aposta do estabelecimento a venda de jornais e revistas. Era aliás o único local no concelho que funcionava como “quiosque”, efetuando até entregas ao domicílio pela mão dos seus colaboradores mais novos, como era o caso do senhor Abraltino com os seus tenros 12-14 anos de idade.

Durante cerca de 110 anos, a partir da data de inauguração da Casa Lobo, este estabelecimento funcionou sempre de forma satisfatória. Como qualquer outro negócio também este teve as suas crises, mas foi sempre capaz de se autossustentar e, quando possível, obter os lucros expectáveis. Porém, com o surgimento das primeiras superfícies comerciais de grande escala as coisas começaram a complicar-se, e tornou-se cada vez mais difícil manter a casa aberta, visto que somente os seus clientes mais antigos permaneciam fiéis às compras neste estabelecimento comercial.

Abraltino Lobo conta como tudo isto foi acontecendo ao longo do tempo, visto ter trabalhado cerca de 60 anos na casa fundada pelo seu bisavô, tendo apenas deixado de o fazer algum tempo após a comemoração dos 100 anos da Casa Lobo, evento que recorda com a maior alegria e lucidez. Por essa altura, o senhor Lobo e o seu irmão, que também chefiava o estabelecimento, começaram a pensar naquele que seria o futuro da casa. Ambos se encontravam já com idade avançada e sentiam que tinham de arranjar solução para que este estabelecimento, apesar das conhecidas dificuldades, se mantivesse ativo, ao serviço do povo. Durante uma reunião de herdeiros do estabelecimento chegou-se a um consenso. Porém, a única irmã de entre os quatro irmãos impôs uma premissa para a transmissão da Casa: esta teria de pertencer a um membro da família. Conhecidas as necessidades e premissas para o futuro do estabelecimento, um dos sobrinhos de Abraltino Lobo apresentou-se como potencial proprietário do edifício, assumindo todas as responsabilidades para que o estabelecimento comercial pudesse continuar a desempenhar as funções que sempre desempenhou até então. Na impossibilidade de continuarem a cumprir as suas funções, devido ao estado avançado de idade e aos longos anos em que estiveram ao serviço deste espaço, os irmãos Lobo aceitaram a proposta e o seu sobrinho passou a ser o novo proprietário da casa, com todas as inerentes funções.

Capítulo V Conceitos Chave

Antes de iniciar o trabalho é indispensável a definição de alguns conceitos e palavras chave, de forma a clarificar e compreender quais os principais objetivos da proposta e de que forma estes podem ser concebidos.

5.1 Definições

Preservação:

1. ato ou efeito de preservar; 2. Ação que visa garantir a continuidade ou sobrevivência de algo; proteção; 3. Meio de preservar²

Memória:

1. Função geral de conservação de experiência anterior, que se manifesta por hábitos ou por lembranças; tomada de consciência do passado como tal; 2. Lembrança, recordação; 3. Monumento comemorativo³

Requalificação:

1. ato ou efeito de requalificar; 2. Conjunto de atividades que visam melhorar uma zona pública a nível urbanístico, ambiental, paisagístico, etc., revitalizar⁴

Reconversão:

1. ato ou efeito de reverter ou reverter-se; 2. Nova conversão; 3. ECONOMIA transformação da economia de um país ou região no sentido de adaptar a novas condições financeiras ou económicas consequentes do progresso; 4. Adaptação de um funcionário a uma nova atividade profissional⁵

Reabilitar:

1. recuperar; 2. Restituir os direitos ou prerrogativas perdidas a; 4. Restituir a estima pública; 5. regenerar⁶

² *preservação* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-21 19:12:39]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/preservacao>

³ *memória* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-21 19:36:04]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/memoria>

⁴ *requalificação* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-21 19:39:04]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/requalificacao>

⁵ *reconversão* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-21 19:40:25]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/reconversao>

⁶ *reabilitar* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-09-21 21:23:35]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/reabilitar>

5.2 Interpretação dos Conceitos

Com base nos conceitos e definições acima referidos, e posteriormente explorados, podemos facilmente criar uma ligação entre todos eles, com o propósito da presente dissertação.

Quando falamos de preservação compreendemos que este termo se refere diretamente ao ato de preservar, ou seja, ao ato de fazer os possíveis para que sejam mantidas, através de diversas ações, as diversas características de algo, para que se possa dar continuidade a algo mantendo viva a sua essência e origem.

Quanto ao termo memória, também é extremamente importante na definição desta proposta, pois um dos pontos fulcrais de toda a intervenção tem sempre como referência a memória do local, as recordações que este edifício traz para cada pessoa que por ele passou, não só como proprietário, mas também como cliente. Na impossibilidade de manter a integralidade do conjunto pela inexistência de importantes elementos que o completavam, tentámos ao máximo atribuir-lhe a importância e dinâmica que sempre teve ao longo da sua existência.

No que diz respeito ao conceito de requalificação, entende-se por requalificar algo, em que através de um conjunto de atividades e ações, possa ser dada uma nova dinâmica a algo, fazer um espaço renascer, fazer com que este novo espaço possa desempenhar o importante papel que desempenhava antes da sua “degradação”. Atribuir novas funções a um espaço em busca de novas oportunidades e de uma maior rentabilização do mesmo, tornando-o útil, dinâmico e prestável a todos. Este conceito visa sempre uma melhoria no novo funcionamento das coisas.

Quanto à reconversão é também um tema que facilmente se enquadra na proposta deste novo espaço. Uma reconversão pressupõe uma transformação de algo, uma mudança no serviço prestado por uma determinada coisa, numa adaptação de algo que já existe numa nova realidade. Neste caso concreto, no imóvel que foi até aos dias de hoje um estabelecimento comercial e habitação, foi proposta a sua reconversão para uma tipologia profundamente pública, de carácter cultural.

Por fim, o conceito de reabilitar é também um conceito que pode ser englobado nesta proposta. Reabilitar algo consiste em recuperar, regenerar algo, e neste caso, ainda que este não seja um edifício totalmente abandonado e em elevado estado de degradação, precisa de ser recuperado, precisa de voltar a exercer os serviços necessários à comunidade, precisa de continuar a ser o motor de desenvolvimento económico, social e sobretudo cultural da vila, como sempre foi ao longo do tempo.

Capítulo VI Casos de Estudo

A opção pelo estudo dos seguintes exemplos, para o seguimento de uma linha de pensamento no desenvolvimento da proposta, passa pelo facto dos mesmos terem em atenção aqueles que são os “valores” a respeitar numa intervenção num edifício com valor histórico significativo.

A sua escolha foi também condicionada pela dimensão das propostas em causa, visto que estamos a intervir num edifício de pequena dimensão, cerca de 700m² brutos, o que pode dar origem a certas limitações na criação dos diferentes espaços que esboçam o programa proposto.

O primeiro caso de estudo, o Centro Interpretativo do Vale do Tua, elaborado pelo gabinete *Rosmaninho+Azevedo* Arquitetos, foi escolhido como referência, dada não só a dimensão da intervenção, mas essencialmente a valorização de aspetos como a memória do local, a preservação dos próprios volumes constituintes do projeto e a valorização histórica dos elementos.

Relativamente ao Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro, apesar de não ser um projeto com tanta exuberância e nome, é um espaço que dada a sua dimensão extremamente reduzida funciona de forma bastante satisfatória, conseguindo proporcionar numerosas visitas ao local e, por sua vez, dinamizar o concelho onde se insere.

No que toca ao Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha, podemos dizer que é um projeto que aposta muito na conservação do edificado, na sua manutenção, e a forma como é tratada a estrutura existente e interligada com a nova proposta é também um fator positivo na conceção do projeto. Tem assim valores importantes a reter aquando a conceção da proposta para o Centro Cultural e Interpretativo Lobo.

6.1 Centro Interpretativo do Vale do Tua

Localizado na Foz do Tua, pequena aldeia na margem direita do rio Douro, nas redondezas da cidade de Carraceda de Ansiães, distrito de Bragança, temos o Centro Interpretativo Vale do Tua, sendo este fruto da requalificação de estruturas pré-existentes na estação férrea do local em questão.

Inaugurada a 1 de setembro de 1883, a Estação Ferroviária do Tua explorava o troço entre o Pinhão e o Tua, e mais tarde até ao Pocinho. Além deste troço, esta estação serviu também, a partir de 29 de setembro de 2008, como entroncamento com a Linha do Tua, tendo sido desativado há cerca de uma década atrás, no ano de 2008. Fruto de um concurso lançado pela

ADRVT (Agência para o Desenvolvimento Regional do Vale do Tua) para promover o desenvolvimento desta zona, o grupo de arquitetos *Rosmaninho+Azevedo* Arquitetos apresentou uma proposta de intervenção e reabilitação, mais tarde reconhecida num dos mais conceituados prémios de arquitetura, que evidencia aspetos importantes neste tipo de intervenções com valor histórico significativo.



Figura 6 - Linha do Tua, 1993

“Intervir na paisagem impressionante do Douro é um desafio enorme e um grande privilégio. Com esta responsabilidade, desenvolvemos o projeto com a ideia de memória e de transformação sempre presentes, procurando que a leitura dos valores do lugar apontassem pistas para a mudança.” (Azevedo e Rosmaninho, 2018, para.2)

À semelhança da proposta de intervenção descrita ao longo desta dissertação, também no CIVP estamos perante um edifício ou volumes com valor histórico a ter em atenção, que se traduz na identidade e memória do local, aspeto que o grupo de intervenientes no projeto optou, e bem na minha opinião, por valorizar e salientar. Desta forma, em toda a intervenção notamos claramente a existência de uma barreira que separa aquilo que é a pré-existência do local e da própria estrutura dos volumes nele inseridos daquilo que são os novos espaços que completam o programa proposto.

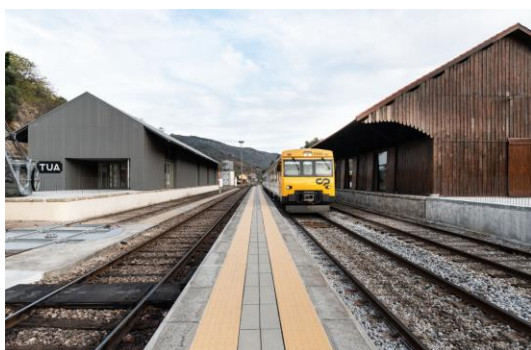


Figura 7 - Centro Interpretativo Vale do Tua, 2018

A intervenção é realizada em dois armazéns ferroviários antigos que estavam desocupados e sem utilidade na estação do Tua, um em cada lado da linha do Douro. Cada um destes volumes tinha diferente carácter construtivo, sendo que o seu programa foi proposto para valorizar e realçar o mesmo em cada um dos casos.

No que toca à intervenção do edifício em madeira, foi necessária a criação de novas plataformas exteriores de acesso e maior preocupação na criação de espaços públicos e, por sua vez, a relação dos mesmos com a rua. Este é um volume marcante no local, devido não só ao seu pé direito elevado, mas também à estrutura visível em todo o seu interior, nomeadamente a de cobertura. Esta foi reavaliada para garantir todos os parâmetros de segurança necessários e foi posta em destaque, já que se afirma como identidade deste volume. O revestimento deste volume foi também tratado tábuas a tábuas para que o conceito de recuperação fosse levado ao limite, tentando fazer de novo o mínimo possível. Desta forma temos agora um edifício que se transformou num grande espaço de acolhimento e receção, em que é de leitura fácil a separação entre aquilo que já existia e o que foi desenhado de novo, existindo sempre uma separação entre os diferentes volumes, não se tocando entre si, como podemos observar na Figura 8.

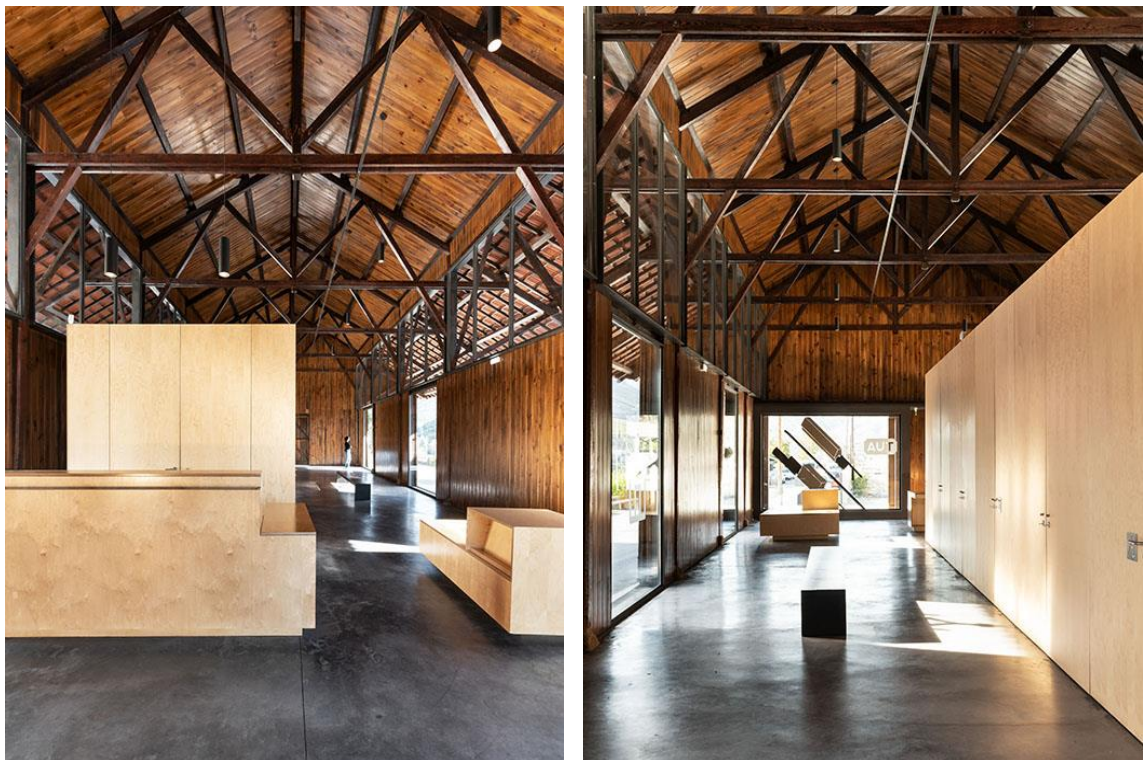


Figura 8 - Interior do Edifício de madeira do CIVT

Este edifício é quase na totalidade a receção do local, incluindo também instalações sanitárias e arrumos, espaços que estão instalados em “contentores” que não tocam no pré-existente. Todo o edifício é composto por madeira, em sua grande parte recuperada. E no seu interior é também neste material que se corporalizam os novos espaços criados e pensados.

No segundo volume, que constitui todo o Centro Interpretativo, e que se encontra a norte, foi explorada “*uma relação mais direta com o edifício da estação que se reflete desde logo no passadiço metálico de acesso*”, como explicam Azevedo e Rosmaninho (2018). A abordagem a este edifício, apesar da preservação do pré-existente, tem um carácter mais contemporâneo. Este volume conta com todas as restantes funções que completam o programa proposto; em primeiro lugar, temos instalada no piso térreo uma exposição de longa distância que nos remete também para um contexto ferroviário. Esta exposição consiste num longo caminho constituído por paredes de superfícies irregulares forradas a cortiça, permitindo-nos assim ter uma leitura longitudinal de todo o espaço, remetendo-nos para o devido contexto.

O piso superior deste volume, com área inferior ao rés-do-chão dando origem a uma zona com duplo pé direito, fica assim preenchido pelos espaços de serviço educativo e espaços de trabalho inseridos num *mezzanine*. A cor branca e alguma transparência de determinados materiais são predominantes em praticamente todos os espaços desenhados de novo, permitindo desta forma que a luz penetre algumas destas superfícies, chegando aos locais mais centrados na estrutura e, por sua vez, diferenciar o que é novo e o pré-existente.

Com os diferentes tipos de abordagem em cada um dos volumes, o grupo de arquitetos pretende assim “uniformizar os dois tempos da construção com a pele contínua em zinco canelado, de um lado, e o ripado em madeira, do outro, reinterpretando sistemas construtivos e texturas” (Azevedo e Rosmaninho, 2018). Respeitando todas as premissas e necessidades neste tipo de intervenções em que é necessário salvaguardar o valor histórico e patrimonial, este exemplo, apesar da sua reduzida dimensão para o programa pretendido, é um modelo de como se deve intervir neste tipo de espaços, tirando partido de aspetos que possam ser esquecidos à primeira vista mas que deem ênfase ao resultado final, originando espaços agradáveis que consigam remeter os seus utilizadores para as memórias do local.

6.2 Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro

Inaugurado a 21 de agosto de 2008, o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro é também um edifício com extrema importância para o município da Lourinhã, mais propriamente no outeiro do Vimeiro. Apesar de ser um edifício novo, construído apenas para este propósito, não deixa de ser uma boa referência a ter em conta aquando da idealização da proposta para a Casa Lobo. Em 2014, no âmbito de uma candidatura ao PRODOR⁷, o espaço

⁷ Instrumento estratégico e financeiro de apoio ao desenvolvimento rural do continente

foi munido de novos recursos e conteúdos que lhe permitem neste momento a posse de um satisfatório espólio de conteúdos expositivos sobre o tema em questão.



Figura 9 - Vista para a entrada do Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro

A sua localização é extremamente importante e estratégica, pois a sua implantação permite uma visão privilegiada diretamente para o campo de batalha onde há mais de 200 anos se confrontaram os exércitos francês e anglo-luso.

Apesar da sua reduzida dimensão, ao contrário de muitos outros centros interpretativos de renome com áreas bem maiores e espaços igualmente grandes, este Centro oferece uma grande diversidade de serviços aos seus visitantes, tais como:

- Receção
- Visita Guiada
- Visita Multimédia
- Serviço Educativo
- Biblioteca com arquivo histórico
- Espaços Interativos com recreações históricas
- Percursos pedestres

Um dos aspetos mais importantes neste espaço, e que o pode distinguir de muitos outros, é a introdução e devida aposta no âmbito dos espaços interativos. Ou seja, apesar da sua

pequena dimensão em comparação a muitos outros projetos, o responsável pela proposta apostou na área da interação e da tecnologia para tornar este espaço não só mais apelativo mas mais didático também.

Mesmo que a importância dada a este espaço a uma maior escala seja pouca, a nível local os seus utilizadores e visitantes mostram-se satisfeitos com a conceção do espaço, com o bom funcionamento do mesmo, e com a facilidade na prestação dos serviços que este oferece, de tal forma que são cada vez mais os eventos que nele se concebem com bastante regularidade. Segundo Caldeira (2018) “Desde 2008, ano em que se comemoraram os 200 anos da batalha e em que foi inaugurado, o Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro foi visitado por 65.379 pessoas até 2017” (para.2). Sem qualquer dúvida, este Centro constituiu um motor de dinamização para o município da Lourinhã, levando cada vez mais pessoas a visitarem o local e a interessarem-se por este novo espaço cultural e de lazer.

Quanto à espacialidade os tons predominantes no edifício são claros, essencialmente a cor branca, que dá origem às diferentes salas de exposição de paredes e teto claro, com chão em madeira igualmente clara, decoradas com enormes painéis de exposição, sobretudo a nível documental. Todo o espaço é preenchido com diversos objetos do passado e diversas vitrinas de exposição no seu centro. Os diversos objetos expostos tornam a visita mais persuasiva e o próprio espaço não se torna tão frio e nu.



Figura 10 - Sala de exposição com diversos elementos antigos expostos

Os próprios percursos pedestres relatam um pouco da história da Batalha, através da colocação de diversos painéis de azulejo com figuras que nos remetem para tais acontecimentos. Ainda que este projeto seja uma construção feita de raiz, a materialidade do interior deste novo espaço, com cores claras que contrastam com a textura da madeira utilizada no chão, é também um aspeto a favor na conceção da proposta para o Centro Interpretativo Lobo, de forma a criar espaços limpos e amplos, sem grandes complicações na perceção dos mesmos.

6.3 Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha

Localizado em Santa Luzia, na Ilha do Pico, Açores, numa paisagem classificada de Património da Humanidade pela UNESCO, ergue-se esta proposta para a reconversão de um edifício pré-existente naquilo que chamamos de Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha. Projetado e concluído no ano de 2008 pelo grupo de arquitetos “Sami-Arquitetos”, a proposta chegou a ser selecionada nos Prémios FAD na categoria de Arquitetura, no ano de 2011⁸.

O projeto passa por adaptar um edifício antigo, mais especificamente do Sec. XVIII, ligado ao cultivo da vinha, que é a envolvente da implantação do mesmo, num Centro Interpretativo denominada de Paisagem da Vinha.

Como afirmam Vieira e Vieira da Silva (2009), uma das grandes preocupações e intenções da proposta era manter sempre a linguagem e ambiente de “Casa Solarenga”⁹, que seria a essência do objeto edificado, e explorar de que forma se podia articular aquilo que era proposto com o que existia, tentando sempre criar um equilíbrio entre os dois componentes, para que ambos se pudessem complementar.



Figura 11 - Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha e sua envolvente

⁸ Prémio anual realizado pela associação espanhola *Arquinfad* que premeia obras em Barcelona, Catalunha e Portugal também desde 1996

⁹ Semelhante a um solar, ou seja, a uma casa nobre

Já que a ideia base de toda a proposta passa por aproveitar ao máximo aquilo que o objeto arquitetónico tinha em bom estado de conservação e que pudesse ser englobado neste novo conceito, quase não temos a perceção de um pequeno aumento que teve de ser feito para que todo o programa pudesse ser executado neste espaço.

Falamos assim de uma área adicional de exposição com alguma dimensão, que foi totalmente revestida com vidro escurecido no seu exterior “de modo a evitar o desenho de vãos e a funcionar como prolongamento da imagem maciça do próprio edifício” (Vieira e Vieira da Silva, 2009). Toda a sua estrutura é feita essencialmente em varões de aço e argamassas à base de cal, colada pontualmente à estrutura de madeira existente.



Figura 12 - Área de exposições em vidro

À semelhança de outros casos de estudo previamente referidos, também neste está presente desde início a intenção de marcar uma certa diferença entre o existente e o proposto. Enquanto no Centro Interpretativo do Tua, por exemplo, o grupo de arquitetos optou por separar os objetos propostos da edificação da estrutura pré-existente, neste espaço a intenção é concebida de forma algo diferente. Forma essa que melhor se adequa à minha proposta para a Casa Lobo, devido às complicações que a limitação da área pode trazer à conceção de todo o programa proposto.

Para marcar essa diferenciação, o grupo de arquitetos envolvidos na proposta opta por fazê-lo através da materialidade dos espaços, ou seja, enquanto os espaços antigos eram definidos e caracterizados pelos seus elementos construtivos, os novos espaços seriam caracterizados pela sua composição, recorrendo assim a acabamentos contínuos e simples, em tons claros,

que possibilitem uma leitura espacial mais simplificada e clara, tentando sempre não quebrar a sua lógica definidora essencial.

O facto deste novo espaço ter como intuito a exposição e interpretação do próprio espaço facilitou a idealização do programa, visto que tudo o que já existe faz parte do novo programa proposto. A tipologia habitacional deste projeto, ao contrário da Casa Lobo, foi preservada e conservada, visto ser o tema principal do Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha, em que se pretende mostrar o funcionamento desta casa Solarenga e da sua relação com a própria implantação e com o ambiente do cultivo da vinha daquela época.

6.4 Sistematização

Os casos de estudo acima referidos serviram como base para a estruturação de toda a proposta da presente dissertação. Os três casos de estudo escolhidos, apesar das notórias diferenças por comparação com a proposta neste trabalho defendida, apresentavam diversas semelhanças e aspetos a reter. Dois deles tratam-se de intervenções feitas em edifícios já existentes, edifícios com importância e valor para o local onde se inserem, semelhante ao que se verifica para a Casa Lobo relativamente ao povo de Mortágua. Tratam-se assim de intervenções que precisam de ser feitas com preocupação acrescida, dadas as características e limitações em cada um dos espaços. Em ambos os casos foi sempre intenção do grupo responsável pelo projeto a preservação e realce do existente, da história e da memória do local e do próprio edifício. A separação entre o edificado e o novo é também um aspeto trabalhado de diferentes formas nos dois projetos em questão, porém, muito bem conseguido em qualquer um deles.

Quanto à proposta do grupo de arquitetos *Rosmaninho+Azevedo* no Vale do Tua, a equipa optou por retificar toda a estrutura existente de ambos os volumes a intervencionar, corrigindo todas as lacunas presentes com o maior cuidado, chegando mesmo a afirmar que num dos volumes o fez “tábua a tábua”. Tudo isto culmina num aprofundado trabalho de preservação do existente, conservando-o para que possa continuar a ter o papel importante que tem no local. Para reforçar esta ideia de proteção das pré-existências, o conjunto de arquitetos decide também criar uma barreira entre os novos elementos propostos e toda a estrutura existente, materializando-o de uma das formas mais drásticas de o fazer: criando todo o novo programa do edifício sem que este toque na estrutura existente. A própria materialidade destes volumes é diferenciada do resto, para que seja de fácil perceção visual, essencialmente a nível das tonalidades dos materiais, a distinção entre as diferentes realidades.

Relativamente ao Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha, a intervenção difere um pouco da referida anteriormente. Neste caso o edifício já reúne certos espaços que apenas precisam de ser preservados e conservados, pois são parte daquilo que se quer mostrar neste local. Assim sendo não falamos de uma reconversão pura, mas sim de um trabalho essencialmente de preservação. O único espaço adicional às pré-existências do projeto é a sala de exposições, de pequena dimensão, que se projeta de forma dissimulada e diluída nos alçados do objeto arquitetónico. Desta forma podemos afirmar que existe uma dupla intenção por parte do grupo de arquitetos responsável: por um lado pretende-se que a nova estrutura fique diluída na paisagem existente, não sendo necessário o novo desenho de alçados para que o edifício mantenha a sua identidade, mas por outro lado há uma separação clara neste novo espaço proposto. A sua materialidade é totalmente diferente da que já existia no local, ainda que a sua estrutura assente nas pré-existentes.

Relativamente ao Centro Interpretativo da Batalha do Vimeiro, apesar de ser um projeto totalmente novo e feito com este propósito, é também um exemplo a ter em conta na projeção de um espaço com a vertente interpretativa. Desde já o seu local de implantação estratégico, que é uma das mais-valias do edificado, permitindo aos seus utilizadores experienciar o mesmo espaço de batalha que todo o Centro Interpretativo aborda nos seus espaços, dispostos cronologicamente. Mesmo sendo um objeto novo foram utilizadas soluções construtivas algo simples, mas que tornam todo o espaço agradável e funcional. Os espaços de exposição que nele existem são também bem conseguidos: permitem a exposição de diversos objetos que pertencem ao espólio do Centro Interpretativo, oferecendo uma melhor explicação e interpretação do tema que se pretende retratar e explorar neste espaço cultural. A vertente interativa foi também posta em prática nesta proposta, tornando o espaço mais atrativo e ao alcance de mais pessoas e faixas etárias. Por último mas não menos importante, parte deste espaço foi desenhado para que possa funcionar de forma mais polivalente, tornando possível a realização de diversos eventos culturais com bastante regularidade, que dinamizam todo o município em que está inserido. É um projeto bem conseguido que consegue responder às necessidades do município e da população em questão, prestando serviços que dinamizam a zona, tal como o que se pretende com a proposta do Centro Cultural e Interpretativo Lobo.

Capítulo VII Proposta

7.1 Da Construção aos Dias de Hoje

A construção da Casa Lobo, concluída e inaugurada no ano de 1893, proporcionou à vila de Mortágua e populações vizinhas, durante mais de uma centena de anos, todo o apoio no que toca aos serviços necessários para o desenvolvimento e prosperidade de uma cidade, vila ou aldeia. Podemos afirmar que este edifício foi o principal motor de desenvolvimento económico da zona, não só por ser o único espaço comercial da zona com a dimensão que este tinha, mas também dada a diversidade de serviços e produtos que este fornecia aos clientes. Existiam também outros espaços ligados à cultura ou até mesmo grupos recreativos ligados ao desporto, nomeadamente ao futebol, que colocavam o nome “Lobo” na boca do povo, dando consequentemente o devido mérito e nome a esta casa comercial.

O edifício idealizado por Manuel Lobo erguia-se como um edifício de estrutura simples, mas com a forte presença de ornamentação e detalhe nos diversos elementos constituintes do mesmo, algo que era comum nos edifícios mais desenvolvidos dessa época.



Figura 13 - Alçado Frontal (sem escala)

Desta forma, quando abordamos a Casa Lobo deparamo-nos com um volume esticado no plano horizontal, constituído por dois pisos, de cobertura tradicional, e com detalhes em pedra em todas as suas aberturas. Além de toda esta regularidade nos seus alçados temos também a presença de uma varanda do seu lado direito (visto de frente), com detalhes igualmente em pedra, nomeadamente nas floreiras presentes em todos os seus pilares.



Figura 14 - Varanda do edifício; detalhes das floreiras, 2019



Figura 15 - Nível de detalhe nas portas, janelas e varandas, 2019

No alçado posterior notamos a presença de um pequeno alpendre que proporciona assim três entradas nas traseiras da casa (duas no piso superior e uma no piso inferior), feito *a posteriori* devido às necessidades que surgiram ao longo do tempo. Ao nível das aberturas deste longo vão, são exatamente iguais ao restante edifício, com as mesmas caixilharias e as mesmas dimensões, o que garante um certo equilíbrio no desenho do mesmo.



Figura 16 - Alçado Posterior (sem escala)

Quando falamos do interior, apenas metade deste volume era destinado ao comércio, sendo que o piso superior era de habitação desta família.

No piso térreo temos apenas uma “divisão”. Esta divisão correspondia ao gabinete do responsável pela loja e foi elaborada *a posteriori*, dadas as necessidades de um espaço desta tipologia junto ao local onde se comercializava. Todo o piso era delimitado por grandes móveis, desenhados e executados especificamente para o local, dividindo o espaço ao meio, como se de paredes se tratassem. Criou-se assim um espaço amplo na parte de trás que servia de armazém e depósito dos produtos a vender no estabelecimento, e outro espaço na parte frontal do edifício que servia como zona de venda, como podemos observar na Figura 17.



Figura 17 - Escritório criado à posteriori, 2015



Figura 18 - Móveis de grande porte que compartimentavam o espaço, 2015

A zona mais à direita foi idealizada posteriormente à data da inauguração da obra, destinando-se aos serviços ligados à papelaria, serviço também fornecido pelo estabelecimento. No alçado frontal estão presentes diversas vitrinas que servem ao mesmo tempo como entradas de luz para o interior do edifício. Todas as paredes exteriores se encontravam “forradas” de prateleiras metálicas.

Quanto aos móveis desenhados para o local, que definiam e organizavam todo o espaço, estamos perante estruturas de enorme dimensão que colmatavam a necessidade de utilizar paredes no piso inferior do edifício. Estes móveis eram feitos de madeira nobre, com dimensões exorbitantes, que iam até ao topo do pé direito do piso. Eram compostos por grandes prateleiras, com bastante arrumação, e por portas de grande dimensão com vidro, para que todos os produtos ficassem à vista do cliente. O próprio balcão era uma das peças mais marcantes e das quais todas as pessoas ainda se lembram devido à sua enorme dimensão. Estendia-se ao longo de cerca de 12 metros no centro da loja, tornando-se um dos pontos de interesse deste espaço.



Figura 19 - Móveis de grande porte, 2015

Quanto à estrutura do próprio edifício, encontrava-se escondida de todo o público, ficando nas costas dos grandes armários que serviam de paredes. Foram também colocadas prateleiras entre os pilares, proporcionando assim a existência de mais locais de arrumação.

No piso superior temos a parte habitacional, de tipologia T3, composta por um extenso corredor ao longo de todo o edifício, orientando as diversas divisões que constituem esta parte da casa de um lado e do outro ao longo deste eixo. Com o tempo e devido às necessidades dos seus moradores a casa foi sofrendo diversas alterações, essencialmente na parte habitacional. Algumas das divisões foram unidas e outras tantas tiveram de ser repensadas e recriadas, sendo que muitos destes espaços eram demasiado pequenos e sem qualidade para que a família pudesse habitar este espaço com o avançar da idade e consequências que isso possa acarretar.

Muito recentemente, por motivos de força maior e familiares, a Casa Lobo deixou de servir o povo de Mortágua, fechando portas depois de mais de 100 anos ao serviço da comunidade. O piso inferior mudou então drasticamente de figura ficando sem nenhum dos seus característicos móveis e espaços, tornando-se agora num único espaço amplo e vazio. A sua estrutura está também em estado de conservação médio baixo, evidenciando alguma necessidade de manutenção ou até mesmo intervenção.



Figura 20 - Casa Lobo, 2014

Quanto ao piso superior, apesar deste se manter como antes, ainda que com as alterações sofridas ao longo do tempo, o seu estado de conservação não é também o mais favorável. O exterior da casa foi intervencionado há pouco tempo atrás, garantindo toda a manutenção e segurança, essencialmente ao nível da cobertura. As caixilharias estão também em bom estado sendo apenas necessária a manutenção de algumas delas.

7.2 Memória Descritiva e Justificativa

A proposta de intervenção na Casa lobo, localizada na zona histórica e central da vila de Mortágua, mais especificamente junto à Câmara Municipal, tem como objetivo a reconversão deste espaço naquilo a que chamo de Centro Cultural e Interpretativo Lobo. O interior do edifício apresenta baixos níveis de conservação, ao contrário de todo o seu exterior e cobertura, que foram intervencionados recentemente.



Figura 21 - Localização da Casa Lobo

Para a elaboração de toda a proposta do Centro Cultural e Interpretativo foi elementar a recolha de informação acerca de outros Centros Interpretativos, com as mesmas funções que se pretendem desenvolver na Casa Lobo, e analisar cada um deles, procurando aspetos em comum de forma a atribuir alguma coerência e consistência à proposta.

Foram também analisados documentos relativos à legislação em vigor, essencial a qualquer intervenção feita em qualquer edifício da vila. Destes documentos atente-se no Plano Diretor Municipal (PDM), que entre muitas outras regras, visa dimensões e elementos a ter em conta seja na reformulação do espaço ou até mesmo na construção de novos espaços, como por exemplo, o parque de estacionamento obrigatório.

Com base na legislação e nos exemplos de edifícios da mesma tipologia estudados anteriormente, todo o programa se definiu de forma mais fácil e coesa. Foram também

respeitados muitos dos elementos que já existiam neste edifício e que se encontram em bom estado de conservação, de forma a preservar ao máximo a identidade que ainda existe no local e reduzir ao máximo o valor do orçamento para a realização deste novo projeto, premissas estabelecidas pelo cliente aquando da proposta. Todas as preocupações relativas às acessibilidades, nomeadamente para pessoas de mobilidade reduzida, foram pensadas e desenhadas de forma a respeitar ao máximo a legislação, mas também para que o edifício sirva toda a comunidade de igual forma.

Dado o espaço algo reduzido do objeto em questão, cerca de 248 mt² de área construída, o programa não podia ser muito extenso, tal como acontece nos casos de estudo escolhidos. O número de pessoas necessário para administrar este novo espaço também é reduzido, não havendo necessidade de muitos espaços dedicados à administração e não carecendo destes espaços de grandes dimensões. Pôde assim aproveitar-se uma parte significativa do edifício existente para a parte de Atelier, que tanto se pretende.

Desta forma é de fácil perceção que o edifício se divide em duas partes distintas: por um lado, no piso inferior está presente todo o espaço interpretativo, ou seja, todo o espaço de exposição, de conhecimento da história que se pretende mostrar aos seus utilizadores; por outro lado temos todo o piso superior que, apesar de incorporar a parte administrativa, se assume essencialmente como a componente cultural do objeto pensado. Neste piso localizam-se todas as bancas de trabalho, quer dos artistas e profissionais para os quais o programa é desenhado, quer para o público-alvo, que também poderá realizar inúmeras atividades ligadas ao artesanato, com a supervisão e instrução dos profissionais que nele trabalham.



Figura 22 - Proposta da disposição das áreas, Piso 0



Figura 23 - Proposta de disposição de áreas, Piso 1

De forma mais detalhada temos então no primeiro piso a recepção do edifício, à direita toda a parte de exposição pensada e desenhada pelos expositores propostos para a definição do espaço. À esquerda temos um pequeno espaço interativo destinado também à apresentação de dados ligados à história, com cerca de 12 lugares sentados. Deste piso fazem também parte as instalações sanitárias, um pequeno armazém com elevador de cargas de pequeno porte, e um elevador de interior para as pessoas de mobilidade reduzida, junto da recepção. As entradas são as mesmas que sempre foram utilizadas ao longo do tempo, porém algumas delas foram inutilizadas, apesar de permanecerem no espaço de igual forma, sem barreiras.

No piso superior temos do lado esquerdo toda a parte administrativa, são elas um pequeno gabinete para duas pessoas e uma sala de reuniões de pequena escala também. Tal como no piso inferior, temos as instalações sanitárias, com um acréscimo de uma sala de limpezas onde é guardado todo o material de limpeza do local de trabalho que se desenvolve na área restante do piso. As bancas de trabalho foram também desenhadas de acordo com as necessidades dos trabalhos a realizar, sejam eles molhados ou secos. Foram também introduzidos dois fornos junto à lareira já existente na casa, relacionados com o trabalho cerâmico. A pequena varanda existente do lado direito é agora um *foyer*, para que os utilizadores possam sair e intervalar o trabalho.

Nas tabelas que se seguem podemos ver o resumo de todos os espaços propostos e suas respectivas áreas.

Tabela 1 - Resumo dos espaços por piso

Piso 0		
Zona	Espaço	Área (m ²)
Entrada	Hall de recepção	52.6
	Recepção	22.4
Público	Zona de exposição (Direita)	39.8
	Zona de venda/exposição	35.1
	Instalações sanitárias	10.7
	Zona interativa	19.1
Serviço	Acesso à sala com elevador monta cargas	11.7
	Sala do elevador monta cargas	9.7
Piso 1		
Zona	Espaço	Área (m ²)
Semiprivado	Zona de trabalhos manuais (peças húmidas)	24.7
	Zona de trabalhos manuais (seco)	25.9
	Fornos de cozedura das peças	39.8
	Sala Limpeza	4.2
Público	Banca de trabalhos em grupo (visitas)	30.7
Público-privado	Instalações sanitárias	10.7
Serviço	Gabinete com 2 secretárias	14.1
	Sala de reuniões	13.7

Tabela 2 - Áreas totais de diferentes zonas

Zona	Piso	Área por piso (m ²)	Área total (m ²)
Público	Piso 0	104.7	135.4
	Piso 1	30.7	
Serviço	Piso 0	21.4	39.2
	Piso 1	17.8	
Semiprivado	Piso 1	94.6	94.6

7.2.1 Ideia/Conceito

Aquando da primeira abordagem e estudo do edifício existente percebemos logo que o seu exterior se encontrava em ótimo estado de conservação. A cobertura havia sido intervencionada recentemente e apenas as caixilharias existentes apresentavam algumas

irregularidades. Já no interior teríamos uma estrutura algo antiga, que não estando no estado mais preocupante possível, podia apresentar algumas complicações na execução do projeto proposto. Desta forma optámos então pela preservação daquilo que designamos a essência do edifício, como por exemplo, os seus alçados e todos os elementos que o compõem. As paredes estruturais deste edifício foram consequentemente mantidas, visto que dada a sua composição não havia qualquer motivo que justificasse a demolição das mesmas.

O ponto forte de toda a proposta seria manter o máximo possível do que ainda estava presente no local, visto que grande parte dos elementos característicos da casa Lobo haviam sido perdidos nos últimos anos, restando apenas os elementos que compunham todo o conjunto arquitetónico exterior.



Figura 24 - Modelo 3D do Alçado Frontal

A impossibilidade de adaptar da melhor forma possível a tipologia habitacional pré-existente a este novo edifício de carácter público e aos seus utilizadores conduziu-nos também à intenção de transformação total do piso superior, que era o único dos dois pisos em que ainda se encontravam elementos pré-existentes. Por outro lado, pelo facto deste novo programa proposto não ser tão extenso, o desenho atual das suas fachadas, como acessos e entradas de luz, seriam suficientes para garantir a qualidade de todos os espaços desenhados.

Sendo que este foi durante muitos anos um dos edifícios mais importantes da vila, e que sempre funcionou de forma satisfatória, não podíamos descartar a intenção de preservar as suas linhas e forma de utilização do mesmo por parte do povo. Desta forma todos os acessos foram mantidos, fossem eles públicos ou privados, deixando presentes mesmo aqueles que depois da proposta ficaram inativos ou inutilizados.

Quanto ao novo desenho do interior do edifício tentámos sempre fazer a distribuição do centro do edifício para as suas alas, para tentar contrariar a distância significativa que representa o seu comprimento, aspeto que já era explorado no edifício desde a sua existência. A morfologia dos espaços foi também algo que tentámos manter ao máximo, como por exemplo, a complexidade dos mesmos no que toca à sua compartimentação. No piso térreo a ideia é manter o seu vazio, simplicidade e limpeza, apenas com a presença da sua estrutura.

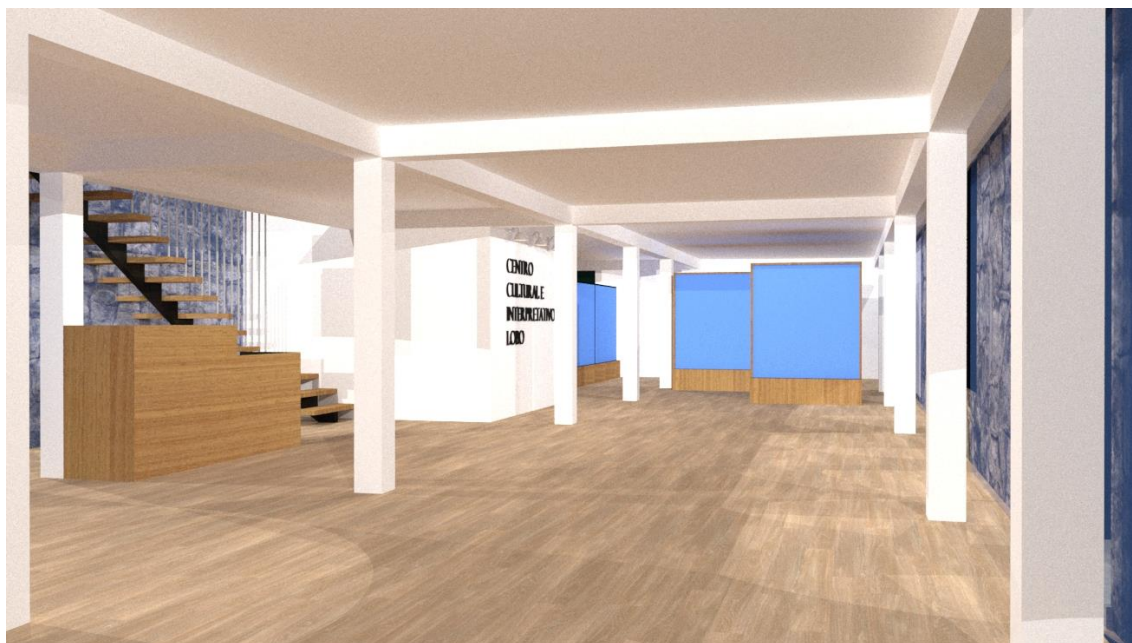


Figura 25 - Proposta em 3D, Piso 0

Temos desta forma um espaço limpo e livre, estando apenas presentes alguns expositores desenhados para o local. Foi necessária a introdução de um acesso vertical neste piso para permitir uma comunicação fácil entre os diferentes pisos, algo que não exista. O facto de termos menos um alçado à cota do piso térreo facilitou-nos também o desenho deste mesmo acesso, permitindo o aproveitamento das entradas de luz do piso superior para o inferior. O material que constitui as paredes exteriores do imóvel foi também posto em destaque e forrado com grandes painéis de vidro para garantir sempre a “limpeza” do espaço.

7.2.2 Soluções Construtivas

A nível estrutural optámos por preservar as fortes paredes exteriores já existentes, constituídas essencialmente por pedra, procedendo à verificação de algumas lacunas que pudessem existir, para garantir a segurança e eficiência das mesmas. Foi introduzida também

uma nova estrutura de pilares no interior, bastante diferente da pré-existente visto que esta apresentava sinais de degradação evidentes.

Podemos então afirmar que a estrutura básica deste edifício seria constituída pelas paredes de pedra exteriores e pelos novos pilares e vigas ligados entre si e às paredes pré-existentes. Desta forma temos as paredes exteriores com cerca de 45cm de espessura preenchidas por pedras, revestidas no seu exterior por reboco de cor clara de 0,02m. No alçado principal, o exterior destas paredes é revestido, no piso térreo, com um grande pano de azulejo cerâmico. No interior algumas destas paredes estavam também revestidas a reboco de cor clara com 0,02m, algumas delas sujeitas à remoção do mesmo e posterior exposição da pedra que as constitui. Essas mesmas paredes foram “revestidas” com grandes panos de vidro no seu interior para garantir a limpeza do espaço e atribuir algum isolamento ao mesmo. Nas instalações sanitárias as paredes foram revestidas no seu interior com azulejos cerâmicos, dada a presença de humidades. A parede do *foyer* exterior existente no piso 1 foi também mantida, sendo composta por dois panos de tijolo cerâmico furado com 0,14m e 0,09m no exterior e interior, respetivamente, isolamento XPS de 0,04m no seu interior, e revestimento em reboco de cor clara de 0,02m em ambas as faces.

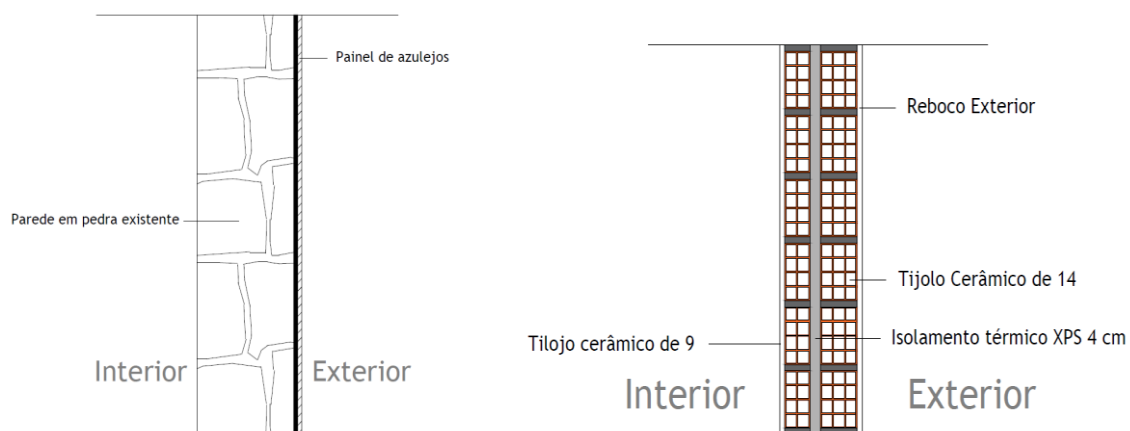


Figura 26 - Diferentes paredes exteriores (sem escala)

Quanto ao interior, as novas paredes que o desenham são todas elas de *Pladur*, com diversas dimensões de acordo com as necessidades das mesmas. São constituídas por placas de madeira nas duas faces, ambas isoladas no seu interior com lã de rocha de 0,04m, suportadas por uma estrutura em perfis de aço galvanizado. Nas paredes que compõem as instalações sanitárias a espessura foi ligeiramente aumentada para facilitar a passagem das canalizações, fundamentais para o bom funcionamento da mesma.

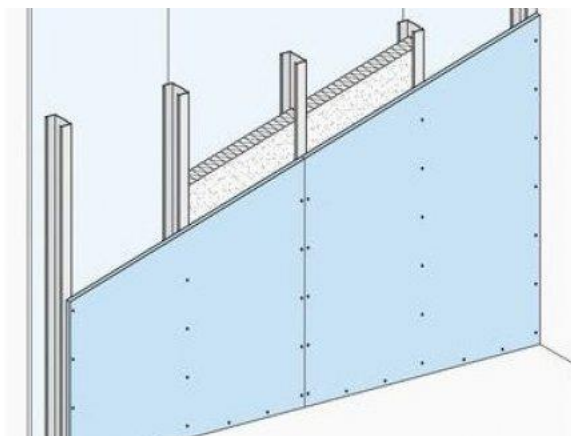


Figura 27 - Esquema das paredes interiores de *PLADUR*

Os novos pilares propostos são constituídos por betão armado com cerca de 0,20m de espessura, revestidos em todas as faces de acordo com o espaço em que se inserem. Os mesmos suportam a laje do piso 1, toda ela feita de novo visto que a antiga se encontrava excessivamente degradada. Desta forma propõe-se a criação de uma laje aligeirada, constituída essencialmente por vigotas e abobadilhas. Por baixo das vigotas em cimento, com armadura de aço, assenta toda uma estrutura de madeira de 0,03m de espessura que assegura a colocação do teto do piso térreo, composto por placas de gesso cartonado de 0,01m. Acima dos blocos que fecham este tipo de laje temos uma camada de betão com cerca de 0,07m de espessura, seguido de uma camada fina de betonilha de regularização onde finalmente assenta o pavimento de linóleo, da marca "*Tarkett*" com aproximadamente 3mm, escolhido para revestir ambos os pisos face às suas características e fácil adaptação do mesmo (texturas essencialmente) às diferentes áreas que compõem o projeto. Temos assim diferentes acabamentos a nível de piso nas diferentes áreas, apesar do material usado ser sempre o mesmo, à exceção das instalações sanitárias em que foi escolhido azulejo de grande dimensão. Nos gabinetes e todo o piso térreo, o linóleo escolhido apresenta uma textura que imita madeira de cor clara, enquanto no espaço restante foi escolhido um acabamento de cor sólida clara. Toda a nova compartimentação feita nos pisos foi também preenchida com um rodapé de madeira de *Iroko*, madeira utilizada em todas as aplicações a nível deste material nos diferentes elementos do interior da casa, sejam eles móveis, portas ou até mesmo escadas.

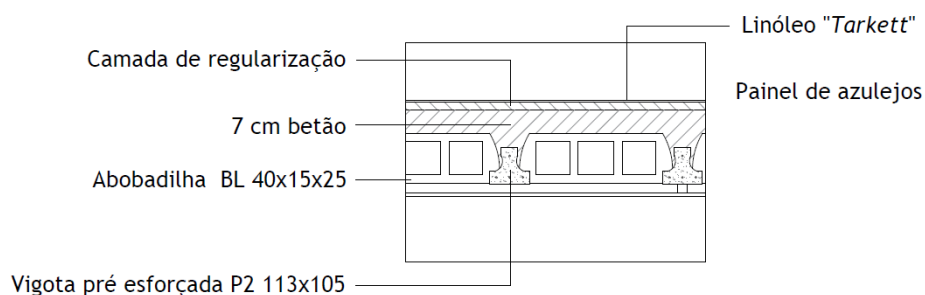


Figura 28 - Esquema de lajes (sem escala)

A estrutura que suporta a cobertura foi também substituída, já que esta não teria sofrido qualquer mudança aquando da última intervenção no imóvel, tendo sido substituída apenas a telha. Falamos de uma estrutura de asnas simples, todas elas substituídas por uma nova estrutura igual de vigas de madeira lamelada, que ao contrário do que acontecia antes passa a ser um elemento de realce da proposta, ficando assim à vista em todas as zonas assumidas como “públicas”.

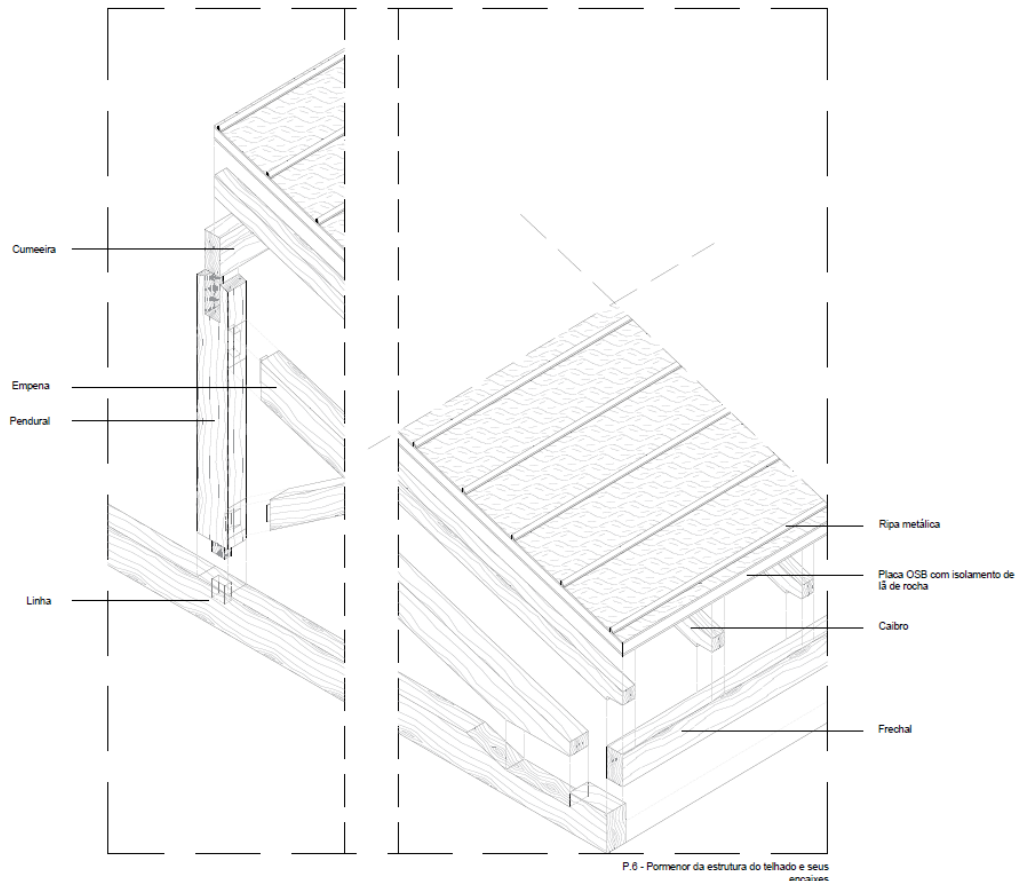


Figura 29 - Perspetiva da Construção da cobertura

Nos gabinetes e instalações sanitárias desse mesmo piso é colocado um teto falso em gesso cartonado, fixo a uma estrutura metálica de pequeno porte que assenta entre as diversas asnas próximas destes compartimentos.

Além de todos os componentes estruturais do telhado, o isolamento escolhido para esta solução foram placas de OSB de XCM, com revestimento de poliestireno no interior. As qualidades deste material, suas características, facilidade de aplicação e eficiência foram as principais razões que motivaram a escolha do mesmo.

7.2.3 Acessos/Percursos

Os acessos ao Centro Cultural e Interpretativo Lobo podem ser feitos por duas vias opostas, a sul pela Rua Dr. João Lopes de Moraes e a norte pela Avenida Dr. José Assis e Santos. O estacionamento encontra-se numa perpendicular às referidas vias de acesso, que pertence à própria casa Lobo.

Ao nível dos acessos, todas as entradas existentes foram mantidas, permanecendo a existência de acessos de domínio público e privado (serviço). As entradas principais, que passam a ser apenas duas, sendo as restantes desativadas, são feitas pelo alçado principal a sul. A entrada de serviço encontra-se no único alçado lateral do edifício. No piso superior temos duas entradas de serviço no alçado posterior a norte, e uma porta de conexão entre o interior e exterior para o *foyer* que se encontra na lateral do imóvel.

Desta forma o público-alvo entra na parte central do edifício com ligação direta à receção, zona de exposição, pequena zona de venda e também à zona interativa com lugares sentados e projeção de imagens. Junto à receção encontra-se o acesso ao piso superior que liga precisamente a todo o *atelier* proposto para o edifício as instalações sanitárias, sala de limpezas e também banca de lavagem do material, exatamente do lado direito da saída das escadas (esquerda do edifício).

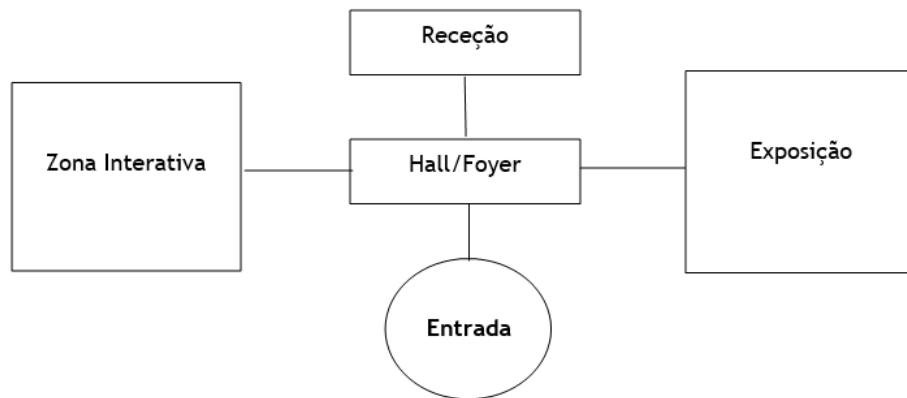


Figura 30 - Organograma, Piso 0

No que diz respeito às entradas de serviço no piso térreo, têm acesso quase direto para a sala de cargas e descargas, sem interferir com a zona de exposição. No piso superior, as duas entradas de serviço existentes têm também acesso direto com esta mesma sala, enquanto o acesso aos gabinetes e sala de reuniões é feito ou pelas escadas com ligação ao piso 0 ou atravessando todo o *atelier*.

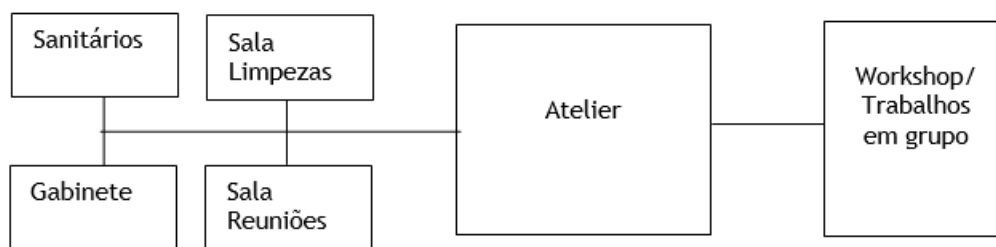


Figura 31 - Organograma, Piso 1

Capítulo VIII Conclusões

A presente dissertação procurou sempre a resposta em torno da importância na reabilitação/reconversão de um edifício com o valor histórico que este apresenta, não só para a vila de Mortágua mas também para as pessoas que dela fazem parte. Desta forma temos de estar cientes de todas as potencialidades e limitações do objeto arquitetónico em que estamos a trabalhar, e procurar sempre o equilíbrio entre as mesmas para que possamos fazer uma proposta coerente.

A intervenção num edifício pressupõe todo um conhecimento e interpretação aprofundados da construção existente, começando por uma análise da importância e valor patrimonial do imóvel, feita através da recolha de documentos escritos e fotográficos antigos, com o objetivo de perceber a evolução do mesmo ao longo dos anos, seja a nível construtivo ou funcional. Se, em suma, se verificar um forte peso patrimonial e histórico para o local em questão, devemos então manter, sempre que possível, o traçado do edifício e os elementos arquitetónicos que o caracterizam.

Neste caso em concreto, dado o bom estado de preservação de grande parte do imóvel, nomeadamente o seu exterior, a temática principal a estudar e a trabalhar seria a reconversão da tipologia do edifício, especificamente de toda a parte superior do mesmo. Para tal foi necessária a avaliação de toda a viabilidade da presente proposta, suportada pela análise de alguns casos de estudos que se assemelham a esta em termos de ideia base. Tendo em conta a importância que a Casa Lobo teve para a comunidade de Mortágua ao longo do tempo, desde a sua criação até aos dias de hoje, faz todo sentido converter este edifício num espaço de serviço público, que esteja ao alcance de todos. A necessidade existente da criação de um espaço como o proposto, ou seja, de um espaço destinado às artes desenvolvidas neste território, vem complementar toda a viabilidade e conformidade da proposta.

A proposta do Centro Cultural e Interpretativo Lobo procura responder à necessidade de preservação de um edifício com relevante valor histórico no coração da vila. Procura também criar um espaço destinado essencialmente à exposição e passagem de conhecimentos no que toca a um dos principais setores de desenvolvimento de toda a vila durante muitos anos ao longo da sua existência, as Artes.

Foi intenção nossa preservar todo o traçado exterior existente bem como todos os elementos que o compõem, visto que tinha sofrido uma intervenção recente, já com foco principal na preservação da essência do objeto arquitetónico. Esta seria uma das limitações a ter em conta na intervenção proposta, devido não só ao seu bom estado de conservação mas também

às intenções do cliente, e limitações da própria intervenção no edifício pelo seu valor patrimonial.

No que toca ao interior a reconversão do espaço foi bastante notória, visto que seria impossível enquadrar um programa essencialmente público na tipologia existente de habitação. Optámos pela exclusão da totalidade do interior, dadas as fragilidades já visíveis na estrutura interior e a inexistência, por motivos que nos ultrapassam, dos grandes móveis, tão conhecidos e característicos do espaço comercial Lobo.

Desta forma concluímos que foi conseguida a proposta para o Centro Cultural e Interpretativo Lobo, respeitando todas as limitações que desta proposta pudessem aparecer. Conseguimos a projeção de um espaço que se enquadra no centro urbano da vila, trazendo uma maior dinâmica ao seu centro, complementando a intenção de atrair as pessoas da periferia para a parte histórica da vila. Este último aspeto tem vindo a ser conquistado ao longo do tempo pela projeção de programas públicos e comunitários em muitos outros edifícios que se encontravam devolutos na mesma zona. Neste caso estamos a falar do edifício mais importante de toda a vila, o qual pressupunha a criação de um programa mais cauteloso e atrativo para o público em geral, tentado que a memória da Casa Lobo não fosse esquecida, e fazendo com que este voltasse a ser um espaço importante para o povo de Mortágua.

Bibliografia

Teses e Dissertações

Lopes, P. F. G. (2014). Estudo Comportamental de Asnas de Cobertura Palladianas. Casos de Estudo da Igreja de S. Roque, Sé Catedral de Santarém e Asilo Militar de Runa. Técnico Lisboa, Lisboa.

Sousa, I. F. N. (2016). Princípios da Reabilitação de Edifícios. Aplicação a casos de estudo. Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Lisboa.

Livros

Sá, A. P. F. D., Neto, C. J. S., Abreu, F. M. C., Gonçalves, M. Z. (2001). Contributos para a Monografia do Concelho de Mortágua. Mortágua: ADICES e Câmara Municipal de Mortágua.

Beinhauer, P. (2015). Atlas de Detalhes Construtivos. Brasil: Ed. Editorial Gustavo Gili

NEUFERT, P. (2018). Neufert, Arte de projetar em Arquitetura, 18ª Edição. Barcelona: editorial Gustavo Gili, SL.

Santos, J. A. (2016). O Pelourinho de Mortágua. 800 anos de história. Mortágua: António José Coelho.

NEUFERT, P. (2018). Neufert, Arte de projetar em Arquitetura, 18ª Edição. Barcelona: editorial Gustavo Gili, SL.

RGEU, (2005). Regulamento Geral das Edificações Urbanas. Porto, Porto Editora.

Páginas Web

Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas / Menos é Mais Arquitectos + João Mendes Ribeiro [Arquipélago - Contemporary Arts Centre / João Mendes Ribeiro + Menos é Mais Arquitectos]. (2015). ArchDaily Brasil. (Trad. Delaqua, Victor) Disponível em

<<https://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto>> ISSN 0719-8906

Caldeira, M. (2018). Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro com 65 mil visitantes em dez anos. Observador. Disponível em < <https://observador.pt/2018/07/03/centro-de-interpretacao-da-batalha-do-vimeiro-com-65-mil-visitantes-em-dez-anos/>>

Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro. (2019). Tripadvisor Portugal. Disponível em <https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g2700780-d6513399-Reviews-Centro_de_Interpretacao_da_Batalha_do_Vimeiro-Vimeiro_Leiria_District_Central_Po.html#photos;aggregationId=&albumid=101&filter=7>

Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro. (2019). Câmara Municipal da Lourinhã. Disponível em <<http://www.cm-lourinha.pt/cibvpaginaentrada>>

Centro Interpretação do Românico Paredes / Spaceworkers [Românico Paredes Interpretation Center / Spaceworkers]. (2013). ArchDaily Brasil. (Trad. Helm, Joanna) Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/115698/centro-interpretacao-do-romamico-paredes-slash-spaceworkers>> ISSN 0719-8906

Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha / SAMI-arquitectos. (2012). ArchDaily Brasil. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/22163/centro-interpretativo-da-paisagem-da-vinha-sami-arquitectos>> ISSN 0719-8906

Centro Interpretativo do Vale do Tua / Rosmaninho+Azevedo Arquitectos. (2019). ArchDaily Brasil. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/908555/centro-interpretativo-do-vale-do-tua-rosmaninho-plus-azevedo-arquitectos>> ISSN 0719-8906

Centro Interpretativo do Vale do Tua/ Tua Valley Interpretive Centre. (2019). Rosmaninho+Azevedo Arquitectos. Disponível em <<http://www.rosmaninhoazevedo.com/>>

Exposição Permanente - Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro. (2019). Câmara Municipal da Lourinhã. Disponível em <<http://www.cm-lourinha.pt/cibvexposicoes>>

Silva, I.V., Vieira, M. (2008). Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha. Disponível em <<http://0608.habitarportugal.org/ficha.htm?id=158>>

Linóleo. (2019). Tarkett. Disponível em < profissionais.tarkett.pt/pt_PT/visualizacao-categoria-pt_C01010-linoleo?tab=COLLECTIONSleo>

Placas de gesso cartonado. (2019). Presdouro. Disponível em <<http://www.presdouro.pt/51/>>

Painel Sandwich Acabamento OSB (Lã de Rocha). (2019). Painéis ACH. Disponível em <<http://www.panelesach.pt/painel-sanduiche-OSB-la-rocha-hidrofugo>>

Pedroso, M. M. (2018). Reabilitação e construção em Portugal _ 1998 _ 2008 _ 2018. Diário Imobiliário. Disponível em <http://www.diarioimobiliario.pt/Opinio/Reabilitacao-e-construcao-em-Portugal-_1998_-2008_-2018>

Silva, B. (2017). Construção. Reabilitar é a saída para os próximos anos. Dinheiro Vivo. Disponível em <<https://www.dinheirovivo.pt/empresas/reabilitar-e-saida-para-os-proximos-anos/>>

SAMI-arquitectos. (2011). Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha Seleccionados, Prémios FAD. Disponível em <<http://www.sami-arquitectos.com/pt/awards/fad-2011-architecture>>

Imagens

Fonte 1: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/mortagua/cultura/centro-de-animacao-cultural-de-mortagua> , acedido a 22/03/2019

Fonte 2: <https://www.cm-mortagua.pt/modules.php?name=Sections&sop=viewarticle&artid=10> , acedido a 15/03/2019

Fonte 3: Próprio Autor

Fonte 4: Próprio Autor

Fonte 5: Próprio autor

Fonte6:[https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_do_Tua#/media/Ficheiro:09.11.93_Tua_9028_\(6147085421\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_do_Tua#/media/Ficheiro:09.11.93_Tua_9028_(6147085421).jpg)

Fonte 7: <https://www.archdaily.com.br/br/908555/centro-interpretativo-do-vale-do-tua-rosmaninho-plus-azevedo-arquitectos> , acedido a 22/4/2018

Fonte 8: <https://www.archdaily.com.br/br/908555/centro-interpretativo-do-vale-do-tua-rosmaninho-plus-azevedo-arquitectos/5c254adc08a5e5ce9e0001d0-vale-do-tua-interpretive-center-rosmaninho-plus-azevedo-arquitectos-photo> , acedido a 22/4/2018

Fonte 9: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g2700780-d6513399-Reviews-Centro_de_Interpretacao_da_Batalha_do_Vimeiro-

Vimeiro_Leiria_District_Central_Po.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=290465948 , acedido a 24/7/2018

Fonte 10: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g2700780-d6513399-Reviews-Centro_de_Interpretacao_da_Batalha_do_Vimeiro-Vimeiro_Leiria_District_Central_Po.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=179749894 , acedido a 24/7/2018

Fonte 11: <https://www.archdaily.com.br/br/01-22163/centro-interpretativo-da-paisagem-da-vinha-sami-arquitectos/56a19125e58ece96d9000301-centro-interpretativo-da-paisagem-da-vinha-sami-arquitectos-foto> , acedido a 26/4/2018

Fonte 12: https://www.archdaily.com.br/br/01-22163/centro-interpretativo-da-paisagem-da-vinha-sami-arquitectos/56a1924ee58eceb1500002d2-centro-interpretativo-da-paisagem-da-vinha-sami-arquitectos-foto?next_project=no , acedido a 26/4/2018

Fonte 13: Próprio Autor

Fonte 14: Próprio Autor

Fonte 15: Próprio Autor

Fonte 16: Próprio Autor

Fonte 17: Margarida Lobo, 2015

Fonte 18: Margarida Lobo, 2015

Fonte 19: Margarida Lobo 2015

Fonte 20: Próprio Autor

Fonte 21: Próprio Autor

Fonte 22: Próprio Autor

Fonte 23: Próprio Autor

Fonte 24: Próprio Autor

Fonte 25: Próprio Autor

Fonte 26: Próprio Autor

Fonte 27: Próprio Autor

Fonte 28: Próprio Autor


Fonte 29: Próprio Autor

Fonte 30: Próprio Autor

Fonte 31: Próprio Autor

Anexo I

Imagens e documentos oferecidos pelo proprietário



ALBANO DE MORAES LOBO, Sucessores

CASA FUNDADA EM 1893.

PADARIA

GRANDES ARMAZENS DE MORTAGUA

AGENCIA FUNERARIA

CORRESPONDENCIAS BANCARIAS E POPULAR

E DAS COMPANHIAS DE SEGUROS: TAGUS E POPULAR

DEPOSITO DE FARINHAS

MORTAGUA.


SEÇÕES COMPLETAS DE:

- Mercearia,
- Ferragens, Tintas,
- Miudezas, Louças,
- Vidros,
- Ferro e Aço,
- Papelaria, Chapelaria, Camisaria, Confeitaria,
- Livraria,
- Movels de ferro e madeira,
- Materiaes para construções,
- Tabacos e Perfumarias.

◊◊◊

SEMPRE GRANDE DEPOSITO DE:

- Vidro em chapa,
- Molduras para retratos,
- Oculos e Lunetas,
- Postals illustrados,
- Vinhos finos, Champagnes,
- Licóres,
- e das acreditadas limes da "VIEIRA"



Administracão do Conselho de Mortagua, 4 de Maio de 1912.

Comunicacão do Conselho de Mortagua, 4 de Maio de 1912.

CAMAS DE FERRO

FOGÕES


MALAS

PULVERISADORES

Vende por preços convenientes

ALBANO LOBO

Mortagua



MALAS

Fabricam-se em todos os feitios, para revenda na fabrica do

Despedida

O abaixo assinado, tendo de retirar-se temporariamente para Africa, Kinschasa, Congo Belgico, e não podendo despedir-se pessoalmente de seus parentes, amigos e de todos os pessoas das suas relações, vem fazello por este meio, afirmando a sua im-



Anexo II

3D ilustrativos do espaço proposto

